

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO DE RECURSOS
NATURAIS**

PABLO CARDOSO

**IMPACTO AMBIENTAL CAUSADO POR PRÁTICAS RELIGIOSAS
NAS FURNAS DE SOMBRIO/SC**

CRICIÚMA, JANEIRO DE 2011

PABLO CARDOSO

**IMPACTO AMBIENTAL CAUSADO POR PRÁTICAS RELIGIOSAS
NAS FURNAS DE SOMBRIO/SC**

Monografia apresentada à Diretoria de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, para a obtenção do título de especialista em Gestão de Recursos Naturais

Orientador: Prof. Dr. Claus Tröger Pich

CRICIÚMA, JANEIRO DE 2011

Dedico este trabalho a todos que contribuem para o desenvolvimento humano sem que para isso comprometa a integridade do ambiente.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, familiares e a minha mulher, pelo incentivo e apoio.

Ao meu professor e orientador Claus Tröger Pich, pelas grandes ideias que só fizeram enriquecer este trabalho.

Aos demais mestres que contribuíram para minha constante busca da verdade.

Aos funcionários da Rede Furnas que forneceram informações de suma importância para o trabalho.

Ao Jornal Correio do Sul pelo interesse, divulgação e fornecimento de materiais.

À Prefeitura, Casa da Cultura e Biblioteca Municipal de Sombrio que mostraram interesse compreendendo a necessidade da pesquisa.

Àqueles que num ato de puro altruísmo dedicam boa parte do seu tempo publicando materiais na internet contribuindo para o desenvolvimento social.

“Queremos buscar a verdade, não importa aonde ela nos leve. Mas para encontrá-la, precisaremos tanto de imaginação quanto de ceticismo. Não teremos medo de fazer especulações, mas teremos o cuidado de distinguir a especulação do fato.(...)”

Carl Sagan

RESUMO

Sombrio é um município catarinense pertencente à microrregião AMESC. Possui belezas naturais de grande potencial turístico como a Lagoa do Sombrio (maior do Estado), Morro da Moça e as cavernas de origem marinha conhecidas como as Furnas de Sombrio, objeto de estudo deste trabalho. As Furnas de Sombrio, localizadas ao lado da BR 101, constituem-se em cinco cavernas formadas pela ação erosiva marinha sobre o arenito na moderna época geológica Holoceno após o fim da última era glacial quando o planeta estava mais quente e o nível dos oceanos era maior. Infiltrações de água das chuvas através das fissuras nas rochas intensificaram o processo de formação dessas cavernas. Apresentam grande beleza paisagística com enorme potencial turístico digna de preservação como patrimônio ambiental e histórico-cultural. O presente trabalho teve como objetivo observar o possível impacto ambiental causado por práticas religiosas nas Furnas de Sombrio/SC. O período de observação compreendeu uma semana completa entre os dias 20 e 26 de agosto de 2010. Foram realizados registros por meio de fotos e observação direta das visitas e depósito de oferendas. O local se mostra bastante alterado contando com mais de 730 imagens sacras de gesso. Durante o período de observação, por volta de 870 visitantes entraram na caverna maior, onde foram depositadas mais de 580 velas comuns, além de velas de sete dias, vasos com flores, estatuetas de gesso e outras oferendas.

Palavras Chaves: Furnas de Sombrio, degradação ambiental, cultos religiosos.

Lista de Figuras

- Figura 1 – Representação gráfica do total de visitas, na furna principal de Sombrio, com e sem porte de oferendas..... 24**
- Figura 2 – Representação gráfica da porcentagem total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos pelos dias da semana. 25**
- Figura 3 – Representação gráfica da porcentagem total de visitantes, na furna de Sombrio, distribuídos por sexo. 25**
- Figura 4 – Representação gráfica da porcentagem total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa etária. 27**
- Figura 5 – Representação gráfica do número total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa de horário e dias da semana..... 28**
- Figura 6 – Representação gráfica do tempo médio em minutos de permanência dos visitantes com e sem oferendas, no interior da furna principal de Sombrio, distribuídos pelos dias da semana..... 30**
- Figura 9 – Representação gráfica da porcentagem do número total de oferendas por tipo durante toda a semana..... 31**
- Figura 10 – Imagem das entradas das furnas de Sombrio (segundo da esquerda para direita, partindo da furna principal): furna principal (A); segunda furna (B); terceira furna (C); quarta furna (D)..... 33**
- Figura 11 – Foto com depósito de velas comuns no altar secundário do interior da furna principal de Sombrio: velas recém-colocadas (A e C); poça de cera formada pelas velas (B e D)..... 36**
- Figura 12 – Foto montagem: interior da furna principal em 24 de abril de 2005 (quadro “A”), arquivo pessoal de Pedro Henrique Cardoso e; interior da furna principal em 20 de agosto de 2010 (quadro “B”)..... 37**
- Figura 13 – Imagem de Santo Expedito em chamas: (A) imagem em chamas; (B) imagem após extinção do fogo e; (C) Imagem do interior da furna principal dominado pela fumaça. 38**
- Figura 14 – Foto montagem: (A) folhetos com orações disponíveis para os visitantes e (B) espalhados pelo chão; (C e D) imagens deterioradas pelo tempo no altar principal, no interior da furna maior de Sombrio. 40**

Lista de Tabelas

| | |
|--|-----------|
| Tabela 1 – Número total de visitas na furna principal de Sombrio, com e sem porte de oferendas, distribuídas pelos dias da semana..... | 23 |
| Tabela 2 – Número total de visitantes na furna principal de Sombrio, distribuídos por sexo e dias da semana..... | 24 |
| Tabela 3 – Número total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa etária e dias da semana..... | 27 |
| Tabela 4 – Número total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa de horário e dias da semana..... | 28 |
| Tabela 5 – Tempo médio de permanência em minutos no interior da furna principal de Sombrio, de visitantes com oferendas, sem oferendas e geral..... | 29 |
| Tabela 6 – Número total e tipo de oferendas depositadas pelos visitantes na furna principal de Sombrio, distribuídos pelos dias da semana..... | 31 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 1 |
| 2 | OBJETIVO..... | 3 |
| 2.1 | Objetivos específicos | 3 |
| 3 | REVISÃO TEÓRICA..... | 4 |
| 3.1 | Religião e ambiente | 4 |
| 3.1.1 | A natureza e o sagrado..... | 4 |
| 3.1.2 | Uso do ambiente para cerimônias e rituais sagrados | 5 |
| 3.2 | Cultura religiosa no Brasil..... | 7 |
| 3.2.1 | Crenças indígenas | 7 |
| 3.2.2 | A igreja católica..... | 8 |
| 3.2.3 | Religiões de origem africana | 9 |
| 3.2.4 | Pluralismo e sincretismo religiosos | 10 |
| 3.3 | Sombrio: colonização e formação da cultura religiosa | 13 |
| 3.3.1 | Furnas de Sombrio..... | 16 |
| 4 | MATERIAL E MÉTODOS | 18 |
| 4.1 | Localização da área..... | 18 |
| 4.2 | Parâmetros observados: | 18 |
| 4.3 | Caracterização do estado atual..... | 19 |
| 4.4 | Visitação | 19 |
| 4.5 | Constituição das oferendas | 20 |
| 4.6 | Registro das observações..... | 21 |
| 4.7 | Tratamento dos dados..... | 22 |
| 5 | RESULTADOS | 23 |
| 5.1 | Visitas | 23 |
| 5.2 | Visitantes | 24 |
| 5.3 | Faixa etária | 26 |
| 5.4 | Horário de visita | 28 |
| 5.5 | Tempo médio de visitaçãõ | 29 |
| 5.6 | Oferendas..... | 31 |
| 6 | DISCUSSÃO..... | 33 |
| 6.1 | Caracterização do ambiente e estado atual das Furnas de Sombrio | 33 |
| 6.2 | Comportamento dos visitantes e deposição de oferendas..... | 35 |
| 6.3 | Impacto ambiental causado pelas práticas religiosas..... | 40 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 43 |
| | REFERÊNCIAS | 46 |
| | APÊNDICE A – Imagens do interior da furna principal e demais furnas de Sombrio - | |
| | SC..... | 50 |

1 INTRODUÇÃO

O progresso e o desenvolvimento das cidades industriais intensificou a degradação do meio-ambiente e o ser humano passou a necessitar cada vez mais dos recursos oferecidos pela natureza. Segundo Wilson (2002, p. 43), com certa ironia, “a humanidade conseguiu ao mesmo tempo depredar o ambiente natural e consumir os recursos não-renováveis do planeta com alegre irresponsabilidade”.

No Brasil, a industrialização obteve impulso com a crise de 1929, a política nacionalista de Vargas e a Segunda Guerra Mundial, que dificultou a importação de produtos e maquinário, o que obrigou a produção nacional (TAMDJIAN; MENDES, 2005, p.125 e 126).

Nesse cenário, ocorre no país uma explosão demográfica, tanto pela natalidade quanto pela imigração além de uma mudança na economia com o crescimento dos setores secundários e terciários e a mecanização do setor primário. Dessa forma houve crescimento nos núcleos urbanos existentes e também a formação de outros, principalmente na faixa litorânea do país.

Sombrio, município localizado no extremo sul do Estado de Santa Catarina, emancipou-se de Araranguá em 30 de dezembro de 1953 (SOMBRIO, 2011), ainda com uma economia essencialmente agrícola voltada para o cultivo da mandioca. Abriga belezas naturais de grande potencial turístico como é o caso da Lagoa do Sombrio e das Furnas de Sombrio, objeto de estudo desta pesquisa.

As Furnas de Sombrio oferecem mais que beleza paisagística. Elas constituem um marco histórico para o município e região, pois serviram como ponto de referência para os tropeiros e primeiros colonizadores, atraíram investimentos e deram origem a várias edificações do ambiente exterior.

Assim como todos os elementos naturais em volta, as Furnas de Sombrio vêm sofrendo profundas alterações que põem em risco sua integridade natural. A mística criada em torno da caverna maior e a fé dos visitantes, serviram de incentivo para o depósito de oferendas e pagamentos de promessas em seu interior.

As imagens dos santos e de outras entidades ali depositadas, bem como oferendas, restringem-se a algumas poucas crenças, sendo o número de santos católicos e entidades de religiões africanas, os mais representados.

Movidos pela fé e pela crença de que a furna principal (a maior entre as cinco), até mesmo por sua particularidade paisagística, seja um local adequado para contato espiritual com as divindades, os visitantes – sob a permissividade inerente às questões de fé – podem estar causando impacto ao meio ambiente devido ao depósito de oferendas assim como imagens de gesso, velas, vasos com flores, miniaturas de casas entre outras.

Diante do panorama descrito acima e, sendo o Brasil um Estado legalmente laico, país de várias nações e culturas, faz-se necessário um olhar crítico e ecológico sobre as atividades nas Furnas de Sombrio, principalmente na furna maior, a fim de evitar a degradação desse monumento histórico, cultural e paisagístico de Santa Catarina.

2 OBJETIVO

Observar as práticas religiosas realizadas nas Furnas de Sombrio e seu possível impacto sobre esse ambiente natural, paisagístico e cultural.

2.1 Objetivos específicos

- Revisão bibliográfica referente aos assuntos a serem tratados.
- Definir metodologia a ser utilizada para observação das práticas religiosas.
- Registrar a entrada de pessoas na furna principal no período de tempo determinado.
- Observar e registrar o aspecto paisagístico, natural e de conservação das furnas pertencentes ao complexo.
- Registrar tipo, porte e número de oferendas depositadas pelos visitantes e seu possível impacto sobre o ambiente paisagístico e natural.
- Correlacionar os dados e observações para a proposição de novas posturas referentes a práticas religiosas no ambiente natural.

3 REVISÃO TEÓRICA

3.1 Religião e ambiente

3.1.1 *A natureza e o sagrado*

Em toda a história da humanidade é possível detectar a relação existente do ser humano com o ambiente no que diz respeito às suas crenças. Tanto diretamente, quando os elementos naturais são adorados como deuses, como indiretamente, quando esses elementos são utilizados como um meio de comunicação com as divindades.

A ligação entre a natureza e o sagrado se confunde com a própria explicação para o surgimento das religiões. Segundo Hellern et al. (2000, p. 15), o homem “acreditava que os animais, as plantas, os rios, as montanhas, o sol, a lua e as estrelas continham espíritos, os quais era fundamental apaziguar”.

Gleiser (1997, p. 18) afirma que

Na esperança de que catástrofes naturais tais como vulcões, tempestades ou furacões não destruíssem as suas casas e plantações, ou matassem os animais e peixes, várias culturas atribuíram aspectos divinos à Natureza. Os pormenores desse processo de deificação da Natureza variam de acordo com a localização, clima ou com o grau de isolamento de um determinado grupo. Em certas culturas, vários deuses controlavam (ou até personificavam) as diferentes manifestações naturais, enquanto em outras a própria Natureza era divina, a “Deusa-Mãe”.

São inúmeros os exemplos de lugares sagrados naturais que podem ser citados, como: Monte Olimpo, moradia dos deuses gregos; Rio Ganges, que possui relação direta com o hinduísmo; Monte Fuji, no Japão, montanha considerada sagrada pelos seguidores do xintoísmo; Rio Nilo, fundamental no surgimento de uma das grandes civilizações da história, a egípcia; Isla del Sol, ilha considerada sagrada pela civilização Inca, localizada no lago Titicaca, Peru.

As grutas e cavernas também são presença constante como locais naturais sagrados. A ilha grega de Pátmos abriga a Santa Gruta do Apocalipse, na

qual se acredita que o apóstolo João tenha escrito o Apocalipse (BESEN, 2011). A vinda do messias foi supostamente anunciada pelo anjo Gabriel a Maria, numa pequena gruta em Nazaré, segundo a tradição católica.

A busca da religiosidade através do meio ambiente não se restringe aos povos da antiguidade. Mesmo nos dias atuais são comuns as peregrinações, muitas vezes solitária, em ambientes de algum significado mítico, como é o caso do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, por onde, de acordo com Veloso (2011), viajam até 20000 peregrinos por ano, a pé, de bicicleta ou a cavalo.

Carvalho e Steil (2005, p. 289 e 290) afirmam que

[...] hábitos ecológicos de cuidado responsável para com o ambiente e a natureza passam a fazer parte de sistemas de crenças religiosas que visam situar o sujeito no mundo, na sociedade e na natureza, e ao mesmo tempo de uma experiência do sagrado, no sentido de que a reconexão com a natureza passa a fazer parte de um sistema de crenças ecológicas.

O deus transcendental, “fora do mundo”, segundo Carvalho e Steil (2005, p. 290) vem dando lugar a um deus incutido na própria natureza, “que aparece sob a forma de energias e vivências de tipo psíquico-místico”.

3.1.2 *Uso do ambiente para cerimônias e rituais sagrados*

Os costumes do ser humano moderno, desde o surgimento das grandes civilizações, de maneira geral se mostram prejudiciais ao ambiente. As técnicas e tecnologias desenvolvidas para o bem estar humano, exigem demanda dos recursos naturais além do necessário para a sobrevivência, mas a degradação ambiental não se restringe à evolução tecnológica.

Mesmo que a relação do ser humano com a natureza após o advento da ciência nas últimas décadas, tenha intensificado a degradação, segundo Sagan (1998, p. 151), seitas ocidentais pregavam que “assim como devíamos nos submeter a Deus, todo o resto da natureza devia se submeter a nós”. Certamente, tal crença é tão problemática quanto foi a ideia dos europeus, na época das grandes navegações, de que os indígenas e os negros não possuíam alma.

Para Sagan (1998, p. 151), “tanto a religião ocidental como a ciência ocidental fizeram de tudo para afirmar que a natureza não é a história, mas apenas o cenário, que ver a natureza como sagrada é um sacrilégio”.

O ser humano se comunica com suas divindades por meio dos cultos e dos rituais. Sobre a crença dos povos antigos, Gleiser (1997, p. 18) discorre:

Rituais e oferendas procuravam conquistar a simpatia divina, garantindo assim a sobrevivência do grupo. Através dessa relação com os deuses, os indivíduos buscavam ordenar sua existência, dando sentido a fenômenos misteriosos e ameaçadores.

Crippa (1975, p. 157) defende que os rituais são também formas de celebrar os eventos míticos que deram origem ao mundo e as coisas.

De acordo com Hellern et al. (2000, p. 25-27), os rituais são compostos por diferentes práticas comuns a maioria das religiões. Entre essas práticas estão: a oração, o sacrifício e as oferendas.

As oferendas não deixam de ser uma forma de sacrifício dedicado aos deuses à espera de algo em troca, ou então como forma de agradecimento pela graça recebida (HELLERN et al., 2000, p. 27).

Os altares tem papel essencial para muitas religiões. Neles, os devotos depositam suas oferendas. Para Saraceni apud Medium (2010),

[...] um altar tem como principal função a de criar todo um magnetismo de nível terra, através do qual as irradiações verticais das divindades descerão até ele, e a partir dele, continuarão fluindo na horizontal, ocupando todo o espaço destinado às práticas religiosas que serão realizadas diante dele, e em nome das divindades cultuadas e nele assentadas. [...] existem altares naturais que são locais altamente magnetizados ou são vórtices eletromagnéticos, cujo magnetismo e energia criam um santuário natural que, se o consagrarem às práticas religiosas, neles as pessoas entrarão em comunhão com as divindades naturais regentes da natureza.

No Brasil, mesmo nos dias atuais, os rituais praticados vão desde a simples adoração de imagens até a “magia negra” com cadáveres humanos.

A religião católica, que até a proclamação da república era a religião oficial do país, “tinha em suas imagens o objeto de culto e veneração dos fiéis que para elas dirigiam suas preces” (ETZEL, 1979, p. 31).

Inicialmente as imagens eram portuguesas e vinham com os colonizadores. Imagens espanholas também vieram no período de unificação das coroas ibéricas. Eram utilizadas em igrejas e capelas. Com as capelas tornando-se apêndices das “casas-grandes” e diversos oratórios domésticos surgindo, a

demanda por imagens aumentou e essas passaram a ser fabricadas aqui mesmo (ETZEL, 1979, p. 32).

3.2 Cultura religiosa no Brasil

3.2.1 Crenças indígenas

O número de indígenas que habitava o Brasil antes do “descobrimento” era bastante incerto, mas estava na casa dos milhões e hoje, “mal ultrapassa os 300 mil indivíduos” (VAINFAS, 2007, p. 37). Igualmente complexas são as classificações etnográficas das tribos indígenas, divididas inicialmente em apenas dois grupos, Tupis e Tapuias, sendo esta última bastante genérica referindo-se basicamente a quem não pertencia à primeira (VAINFAS, 2007, p. 38).

As várias tribos existentes são frutos dos Tupy, Jê, Karib e Aruak, sendo definidos pelos próprios indígenas, de acordo com Jecupé (1998, p. 19), por povos da Tradição do Sol, Tradição da Lua e Tradição do Sonho.

As religiões indígenas no Brasil têm como figura principal o “pajé”, líder espiritual com poderes sobrenaturais de comunicação com antepassados e outros espíritos, além da cura por meio de cantos, danças e possessão (LARAIA, 2005, p. 8).

O pajé e o feiticeiro ou xamã eram os que tinham acesso ao mundo dos mortos e dos espíritos da floresta, e geralmente a eles competia realizar rituais de cura de doença, expulsar maus espíritos que se alojavam nos corpos das pessoas e desfazer feitiços mandados pelos inimigos (SILVA, 1994, p. 24).

A noção de “alma” para os indígenas brasileiros, embora careça de mais pesquisas, é bastante complexa e cada estado – alma do ser vivo, alma dos mortos, espíritos não humanos – recebem uma denominação diferente (LARAIA, 2005, p. 10).

Para o índio, segundo Jecupé (1998, p. 97), todas as coisas têm espírito, até mesmo as palavras. Palavras sem espírito não são palavras “verdadeiras”. A

falta de espírito nas palavras impossibilitou a conversão do índio para outras religiões.

Não é possível fazer uma associação direta entre um deus único, como os das grandes religiões monoteístas e um deus dos indígenas, porém a história de Mahyra, segundo Laraia (2005) se assemelha com a do mito de criação da bíblia, embora possa ser comparado (Mahyra) tanto a Adão quanto ao próprio Deus.

3.2.2 A igreja católica

Quatro dias após as caravelas de Pedro Álvares Cabral chegarem ao litoral brasileiro, a primeira missa foi celebrada, em 26 de abril de 1500. Era um domingo de páscoa e Frei Henrique de Coimbra deu início ao processo de transformação da nova terra, na maior nação católica do mundo (SCHILLINNG, 2010).

Apesar de a primeira missa ter ocorrido dias após o descobrimento, apenas meio século depois a coroa portuguesa preocupou-se em enviar evangelizadores para o Brasil. Tal atitude foi de suma importância para assegurar a terra a Portugal, tendo em vista que as demais forças marinhas da época já aportavam por cá (SCHILLINNG, 2010).

O estabelecimento do primeiro Governo Geral, em 1549 resultou na fundação da cidade de Salvador aonde chegaram os primeiros padres da Companhia de Jesus apaziguando resistências indígenas à ocupação portuguesa (HERMANN, 2007, p. 23).

A partir de 1554, aldeias foram fundadas ao longo dos rios Tietê e São Francisco, rumo ao sertão (SCHILLINNG, 2010).

A cultura indígena foi suprimida, em boa parte, por essa incursão religiosa comandada por evangelizadores portugueses. Entender os costumes e línguas desses povos era apenas um meio de efetuar essa tarefa. Por outro lado, os jesuítas contiveram a escravidão indiscriminada dos indígenas (VAINFAS, 2007, p. 37-38).

Os portugueses não são os únicos responsáveis pela formação católica do Brasil. Entre 1870 e 1920, período de grande imigração, os italianos

correspondiam a 42% do total de imigrantes. Eram bem aceitos devido à língua latina e semelhança cultural (GOMES, 2007, p. 161).

Gomes (2007, p. 176) ressalta que

Os laços entre catolicidade e *italianità* são estreitos, desdobrando-se nos espaços de ensino e lazer, onde as escolas religiosas e as festas dos santos padroeiros das aldeias sempre foram o grande destaque, como São Vito Mártir demonstra, mas não esgota.

Mesmo a imigração árabe, mais recente, era na maioria formada de cristãos que por motivos como massacre, serviço militar obrigatório e discriminação na terra natal, emigraram em busca de uma vida mais digna em outras terras. Vieram em grande parte do Líbano e da Síria (MOTT, 2007, p. 181 e 183).

Ainda hoje o catolicismo é predominante no Brasil. Segundo Pierucci (2000, p. 284), mesmo perdendo seguidores, a igreja católica ainda abarca 75% da população adulta seguida do protestantismo, segunda corrente religiosa com maior número de seguidores (13%) no Brasil.

3.2.3 Religiões de origem africana

Existe ainda muita confusão sobre a origem dos negros que foram trazidos para o Brasil durante o período escravocrata, devido principalmente, ao fato de que se costumava classificar os escravos de acordo com o local de embarcação na África (SILVA, 1994, p. 26), porém é possível, segundo Silva (1994, p. 26 e 28), distinguir dois grandes grupos: os sudaneses, que viviam em territórios hoje denominados de Nigéria, Benin e Togo e; os bantos, que vieram em maior número e viviam onde hoje é o Congo, Angola e Moçambique.

Os africanos, que foram utilizados praticamente em todos os setores da economia colonial e do império, fazem parte da história do Brasil desde o século da “descoberta”. Estimativas recentes apontam em torno de quatro milhões de homens, mulheres e crianças o número de negros africanos traficados para o Brasil. Esse número demonstra a importância dos costumes africanos para formação cultural do país (REIS, 2007, p. 81).

Diante do panorama citado acima, associado ao fato de que não havia um número suficiente de evangelizadores católicos para atender a demanda de escravos africanos que chegavam ao país, as crenças africanas não foram sobrepujadas à igreja católica, permanecendo fortes na cultura dos brasileiros até os dias atuais, mesmo que bastante sincretizada com a fé cristã.

As religiões africanas caracterizavam-se, como ainda hoje, pela crença em deuses que incorporam em seus filhos. São também religiões baseadas na magia. O sacerdote, ao manipular objetos como pedras, ervas, amuletos, etc., e fazer sacrifícios de animais, rezas e invocações secretas, acredita poder entrar em contato com os deuses, conhecer o futuro, curar doenças, melhorar a sorte e transformar o destino das pessoas (SILVA, 1994, p. 35).

Segundo Pierucci (2005, p. 292), entre as correntes mais representativas e locais de surgimento no Brasil, estão: candomblé, na Bahia; xangô, em Pernambuco e Alagoas; tambor de mina, no Maranhão e no Pará; batuque, no Rio Grande do Sul e; macumba, depois umbanda, no Rio de Janeiro.

3.2.4 Pluralismo e sincretismo religiosos

A mescla entre culturas religiosas no país começou cedo, ainda no primeiro século de colonização. Indígenas do litoral migravam para o interior fugindo dos males causados pela ocupação portuguesa. Essa migração já possuía caráter religioso construído pela educação que os índios vinham recebendo dos jesuítas (VAINFAS, 2007, p. 47-48).

Vainfas (2007, p. 48) cita um caso ocorrido na segunda metade do Século XVI onde

[...] um índio batizado Antônio pelos jesuítas, fugira de um aldeamento inaciano para se proclamar o próprio ancestral Tamandaré, ao mesmo tempo em que dizia ser o verdadeiro Papa. Nomeava bispos e santos, entre os principais do movimento, a exemplo de São Paulo e São Luís, e sua principal esposa era uma índia intitulada Santa Maria Mãe de Deus.

No caso dos indígenas, os catequizadores buscavam uma associação entre as divindades católicas e indígenas para facilitar o processo de conversão. Laraia (2005, p. 11) cita um caso ocorrido no século XVI, onde um jesuíta, possivelmente, Nóbrega, adotou Tupã como sendo o equivalente ao Deus católico.

A associação entre Deus e Tupã, não foi uma boa estratégia considerando que para os indígenas este deus lhes causavam mais medo que respeito (LARAIA, 2005, p. 11).

Outra história de sincretismo indígena-católico, contada por Bastide apud Silva (1994, p. 25 e 26), ocorreu durante a Primeira Visitação do Santo Ofício da Inquisição no Brasil e relata que em um culto indígena o chefe era denominado “papa”, e idolatrava-se um “ídolo de pedra que recebia o nome de Maria, o qual tinha como função promover a incorporação do “espírito da santidade” (Espírito Santo) no fiel através do uso do tabaco, conforme prática comum entre os pajés indígenas”.

Pelo poder de dominação que possuía a igreja católica, as outras crenças que acabavam incorporando sua doutrina, ou seja, tanto as religiões indígenas, quanto as de origem africana, tiveram que se adaptar à católica romana e não o contrário. Os índios associaram seus deuses aos santos e ao deus dos católicos, enquanto esses associaram os demônios aos espíritos indígenas (CASCUDO, 1988 apud SILVA, 1994, p. 24).

Com a cultura africana, Reis (2007, p. 90) destaca uma relação mais complexa que o simples sincretismo entre tradições religiosas africanas e o catolicismo.

A conversão dos negros africanos à religião católica aqui no Brasil se resumia a apenas alguns ritos, como o batismo. Embora tivesse existido a preocupação por parte dos evangelizadores de converter os escravos à fé cristã, o número desses em relação ao dos escravos era muito reduzido. Este fato contribuiu para conservação da cultura religiosa negra até os dias de hoje (RUBERT, 1981, vol. 1, p. 291 e 292).

Foram as Confrarias, também conhecidas como Irmandades e na maioria dedicadas à N.Sa. do Rosário, as grandes responsáveis pela conversão dos escravos ao catolicismo. Os adeptos costumavam ter tratamento menos duro por parte de seus senhores, o que motivava ainda mais a adoção da fé cristã pelos escravos negros (RUBERT, 1981, vol. 1, p. 292 e 293).

Muitos santos e santas católicos têm seus equivalentes afros. Segue uma lista de acordo com Prandi (1996, p. 23 - 27) e Pierucci (2000, p. 296 - 298), na esquerda a entidade afro-brasileira e na direita seu representante católico:

- Exu – Diabo;
- Ogum – Santo Antônio e São Jorge;

- Oxóssi – São Jorge e São Sebastião;
- Obaluaiê ou Omulu – São Lázaro e São Roque;
- Xangô – São Jerônimo;
- Oxum – Nossa Senhora Aparecida, da Conceição e das Candeias;
- Iansã ou Oiá – Santa Bárbara;
- Logum Edé – São Miguel Arcanjo;
- Ossaim – Santo Onofre;
- Oxumarê – São Bartolomeu;
- Obá – Santa Joana d’Arc;
- Nanã – Santa Ana;
- Oxalá – Jesus Cristo;
- Oxaguiã (Oxalá Jovem) – Menino Jesus;
- Oxalufã ou Obatalá (Oxalá Velho) – Jesus Crucificado, Cristo Redentor, Senhor do Bonfim.
- Iemanjá – Nossa Senhora da Conceição e das Candeias (ou dos Navegantes).

A liberdade religiosa, conquistada com a proclamação da república, possibilitou a prática indiscriminada das religiões de origem africana aqui no Brasil. Atualmente é “cada vez maior o número de brancos, e até mesmo japoneses e coreanos, que estão aderindo ao candomblé e, mais ainda, à umbanda” (PIERUCCI, 2000, p. 292).

Pierucci (2000, p. 283 e 284) afirma que atualmente, devido à concorrência religiosa que se instalou no Brasil, “os brasileiros tendem sempre mais a fazer de si a imagem de uma *nação multicultural*, etnicamente heterogênea e não raro hibridizada, por isso pluralista em matéria de religião”. Mas, embora haja tal diversidade religiosa, o que vem ocorrendo na verdade é uma pluralização crescente de igrejas cristãs tornando o país menos católico, porém não menos cristão.

O protestantismo no Brasil, desde o início do século XX, se divide em protestantes históricos e pentecostais e os seguidores são genericamente conhecidos como evangélicos aqui no país (PIERUCCI, 2000, p. 284).

Evangélicos não cultuam santos, nem imagens sacras. Portanto, mesmo constituindo a segunda maior corrente religiosa do país o sincretismo com outras religiões não é percebido por meio de imagens e oferendas como ocorre com o

catolicismo e as religiões afro-brasileiras. Porém, no que diz respeito aos demais rituais, algumas correntes protestantes ao travar uma luta contra outras religiões, principalmente de origem africana, acabam por incorporar alguns elementos dessas.

Oro (2006, p. 3), sobre a Igreja Universal do Reino de Deus, afirma ser esta uma instituição “religiosófaga”, “isto é, uma igreja que construiu seu repertório simbólico, suas crenças e ritualística, incorporando e ressemantizando pedaços de crenças de outras religiões, mesmo de seus adversários” e exemplifica citando os termos utilizados em cultos, como: corrente, encosto, amarrado, fechamento de corpo, trabalho, etc.

3.3 Sombrio: colonização e formação da cultura religiosa

Sombrio é um município catarinense pertencente à microrregião de Araranguá, situando-se entre as coordenadas geográficas de 29º 00’ e 29º 15’ de latitude sul e 49º 30’ e 49º 40’ de longitude oeste.

Até 1995, fazia parte do município o Balneário Gaivota, emancipado através da lei nº 10.054. Após instalação efetiva, Sombrio perde controle sobre o litoral que passa a pertencer ao recém-implantado município de Balneário Gaivota.

Segundo Anjos & Ueda (1997, p. 130), Sombrio é formado por quatro grandes conjuntos geológicos: o sistema costeiro e lacustre, a zona das colinas dissecadas de siltito, a zona dos morros mais elevados e a zona dos vales.

Em 1820, de acordo com Souza et al. (1997, p. 53), “Manuel Rodrigues e Luciano Rodrigues da Silva compraram uma sesmaria, que se situava entre o rio Mampituba e o Arroio Grande, ocupando 524 Km² (sic) de terra”. As sesmarias costumavam ser subdividas por vendas e heranças e em 1833 as terras localizadas na vila de Sombrio e seus arredores foram compradas por João José de Guimarães (REITZ, 1988, p. 7-8).

João José de Guimarães foi o grande desbravador “não indígena” da localidade que originou Sombrio e constituiu, junto aos seus parceiros e descendentes, os primeiros moradores permanentes da região, com propriedades dedicadas à exploração de pecuária extensiva e da agricultura de subsistência (FARIAS, 2000a, p. 131).

Antes da chegada dos Rodrigues e Guimarães, Sombrio era ocupada pelos índios Carijós os quais eram motivo de preocupação constante entre os colonizadores familiares e amigos de João José Monteiro de Guimarães. Fez-se necessária a construção de uma moradia mais segura com rota de fuga para a lagoa após o ataque sofrido pelos indígenas o qual resultou na morte de um dos filhos de Guimarães (CARDOSO, 2010).

Os Carijós, cuja denominação foi atribuída pelos colonizadores europeus, eram os índios do grupo Guarani que ocupavam o litoral catarinense desde 1000 anos atrás com os quais mais tarde vieram a ter contato (AGUIAR, 2001, p. 12). De acordo com Pauli (1948, p. 11-12) “a zona de Sombrio era uma das mais habitadas pelos carijós”.

As famílias que colonizaram Sombrio eram na maioria descendentes de açorianos. Farias (2000a, p. 117 e 118), destaca alguns sobrenomes que ligam as comunidades existentes em Sombrio de 1933 – 34 aos colonizadores açorianos, entre eles estão: Cardoso, Castro, Carvalho, Coelho, Cunha, Freitas, Fernandes, Gonçalves, Garcia, Germes, Jesus, Machado, Martins, Nunes Pacheco, Pires, Ramos, Rosa, Santos, São Matheus, Silva, Silveira e Souza.

O posicionamento estratégico dos Açores inseriu desde cedo as ilhas nas rotas do comércio ultramarino, tuteladas por Portugal e Espanha e mais tarde pela Inglaterra, França, Holanda e Bélgica. Com a decadência da rota do Cabo, na segunda metade do século XVII, os açorianos intensificaram o comércio com o Brasil dependendo essencialmente dessa relação e partir de 1766, Portugal incentiva a emigração de casais açorianos para o Brasil, a fim de proteger o território à ameaça militar espanhola (FARIAS, 2000, p. 45, 48 e 49).

Na década de 1860 várias famílias do Rio Grande do Sul imigraram para Sombrio e se instalaram às margens do rio da Lage (SOUZA et al., 1997, p. 53). À medida que o local era ocupado por descendentes da família de Guimarães e demais migrantes, os Carijós se acuavam, tornando a região cada vez mais segura para os colonizadores.

Mesmo antes das edificações das primeiras capelas em Sombrio, as famílias mantinham seus hábitos religiosos. João José de Guimarães e sua família participavam dos cultos realizados aos domingos na Igreja de São Domingos, em Torres e, até auxiliaram na reforma da mesma em 1855, levando blocos de arenito através da lagoa (COELHO, 2003, p. 263).

Segundo Coelho (2003, p.264 e 265)

Todas as famílias do litoral gaúcho e catarinense viviam submetidas ao pátrio poder da Igreja Católica, cujo peso sobre a sociedade era muito grande, principalmente pela ausência de serviços prestados pelo Estado. Acaba sendo através da Igreja que a Coroa Portuguesa se fazia representar no interior do Brasil, o que lhe outorgava, além do poder espiritual, também o poder institucional sobre os colonizadores.

A fé de João José Guimarães em Santo Antônio, além de outros santos, foi transferida para a família toda. No início do século XX, uma capela foi construída onde hoje é o centro da cidade tendo como padroeiro Santo Antônio de Pádua. Nesta mesma época a fé em outro santo, São Sebastião, o santo protetor contra as pestes, foi intensificada devido à febre aftosa que assolou dezenas de animais na região (COELHO, 2003, p.270 e 271).

A Paróquia de Santo Antônio, em Sombrio, foi criada em 31 de maio de 1938, se desmembrando da Paróquia de N. S. Mãe dos Homens, de Araranguá. Três meses após se iniciou a construção da nova igreja matriz, além de oito capelas espalhadas pelo interior (REITZ, 1988, p. 30).

De acordo com Reitz (1988, p. 35) a Paróquia de Sombrio quase não passou pelo “inconveniente” de religiões acatólicas, exceto por uma seita episcopaliana de Praia Grande e uma pequena dissidência da capela de Palmeira.

As crenças do povo sombriense, pelo menos na época da criação da Paróquia, não se resumiam à fé católica, segundo Reitz (1988, p. 35) “muitas são as crendices supersticiosas espalhadas na Paróquia de Sombrio, motivadas certamente pela falta de instrução religiosa”.

A religiosidade e o imaginário sombriense deriva, em grande parte, da cultura açoriana, que ao longo do tempo se uniu a outras como a indígena (FARIAS, 2000a, p. 263 - 265). Entre os mitos e lendas que assombram a região, pode-se citar: lobisomem, bruxas, alma penada (mãe do ouro e claridade). Também fazem parte da crença local as benzeduras e simpatias.

3.3.1 Furnas de Sombrio

Desde o início da colonização, as Furnas de Sombrio despontam como um aspecto importante da paisagem, pois se localizam no limite norte da lagoa de Sombrio e servem como ponto de referência. O Morro Sombrio conferiu seu nome à lagoa e à cidade, embora haja quem afirme que o nome seja uma evolução do termo “sombra do rio” referindo-se ao rio da Laje onde tropeiros paravam para alimentar o gado e repousar (FARIAS, 2000a, p.30 e 31).

De acordo com Murara (2000, p. 2),

No final do século XIX e início do século XX, quando a família de Luíza Cunha habitava as imediações das furnas, alguns viajantes relatavam estórias de que teriam visto assombrações na entrada da gruta; outros afirmavam ter testemunhado o surgimento de bolas de fogo no interior da mesma. Estes fatos eram contestados por muitos que juravam nunca ter observado nada disso.

Manoel Valerim teria sido o primeiro habitante da região a colocar a imagem de uma santa na entrada da gruta principal, segundo Murara (2000, p. 3), gesto que ao longo dos últimos sessenta anos foi seguido por diversos membros da comunidade ou viajantes que por ali passavam. Valerim adquiriu, por volta de 1940, a propriedade que havia pertencido a Luiz Antônio da Cunha, marido de uma das filhas de João José Guimarães e ali, sua família construiu um pequeno restaurante para acolher os viajantes.

As Furnas de Sombrio desenvolveram-se no “arenito eólico Botucatu junto ao contato com rochas de derrames basálticos da Formação Serra Geral que lhe são sobrepostas”, assemelham-se “às cavernas em desenvolvimento atualmente na região de Torres”, no Rio Grande do Sul, distante 30 km ao sul (WINGE, 2011). Segundo Sheibe e Pellerin (1997, p.17) sua origem se deu por abrasão marinha, associada a níveis mais elevados do mar no quaternário.

De acordo com Pe. Humberto Oenning, que chegou à região em 1946, “até o final dos anos 40 e início dos anos 50, o interior da furna principal era repleta de estalactites e sua superfície constituía-se de grandes blocos de pedra e uma enorme quantidade de um lodo negro, além de ser o habitat natural de centenas de morcegos” (MURARA, 2000, p. 1).

Reitz (1988, p. 104) também faz uma descrição semelhante sobre a furna principal, relatando que

Ao se entrar nota-se um áureo colorido na superfície das águas. Amplo e profundo é o salão principal [...]. Pesados e duríssimos blocos de pedra estão semeados pelo chão. Aqui serpeia um fio de límpida e fresca água; lá denso tapete de samambaias, selaginelas e musgos se disputam a primazia no avanço pela penumbra a dentro; acolá esvoaçam morcegos, satisfeitos em estarem ao abrigo da luz. Silêncio litúrgico vagueia pelo espaço.

Segundo Murara (2000, p. 2),

Manoel Valerim também preocupou-se em mandar fazer exames técnicos a respeito da lama negra encontrada dentro da furna principal e que alguns diziam ter poder medicinal. Foi coletado material e enviado para São Paulo e tempos depois um laudo atestava tratar-se de uma composição de algas marinhas com propriedades aplicadas na dermatologia (tratamento de pele) – este fato reforça a idéia de que o mar possa ter coberto toda a superfície da região. Várias pessoas que vivem até hoje afirmam ter lido este laudo, mas o documento perdeu-se no tempo.

É possível que tanto a colocação da imagem da santa na gruta, como o interesse nas propriedades medicinais da lama negra, seja parte de uma visão empreendedora de Manoel Valerim para atrair visitantes para seu restaurante.

4 MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Localização da área

O local de estudo foi a Furna de Sombrio que se encontra na latitude 29°07'23" S e longitude 49°39'09" W no município de Sombrio, Santa Catarina. Distancia-se do litoral por volta de 8,3 km em linha reta perpendicular ao traçado da praia e, por volta de 2,5 km do centro da cidade.

As Furnas de Sombrio constituem um complexo de cinco cavernas de tamanhos variados, originárias de processo erosivo marinho e infiltrações nas fissuras das rochas compostas por arenito.

O morro que abriga as furnas é conhecido como "Morro das Furnas" e se localiza na margem direita, em direção ao sul, da BR 101. Na margem esquerda da mesma rodovia, encontra-se outro importante acidente geográfico do Estado de Santa Catarina, a Lagoa do Sombrio.

4.2 Parâmetros observados:

Foram observados os seguintes parâmetros durante o período de pesquisa:

- Estado atual e anterior de conservação;
- Número, frequência, tempo de permanência e faixa etária de visitantes;
- Frequência e tipo de oferendas depositadas.

4.3 Caracterização do estado atual

Para acompanhar a evolução do depósito de objetos religiosos na furna maior de Sombrio foi realizada a comparação entre imagens de anos anteriores (disponíveis na internet, no jornal da cidade, com pessoas que já visitaram a furna e com a Rede Furnas) e as obtidas com máquina digital durante o período de observação (20 a 26 de agosto 2010).

Relatos de funcionários da Rede Furnas e de alguns poucos visitantes também auxiliaram na caracterização da área.

Reitz (1988) faz uma descrição detalhada da situação física dos domínios da Paróquia de Sombrio, tornando possível a comparação entre o estado atual e o do início da formação do município.

4.4 Visitação

A observação da visitação na furna principal de Sombrio teve início no dia 20 de agosto de 2010 e término no dia 27 do mesmo mês e ano, nos períodos matutino entre 8h e 11h 30min e vespertino entre 12h 30min e 15h 45min.

O registro se deu, na maior parte do tempo, do interior do carro estacionado ao lado direito da entrada da furna principal, de onde era possível visualizar quase todo o interior com bastante discrição para evitar constrangimentos e não influenciar o comportamento dos visitantes na caverna. Em algumas ocasiões, fazia-se necessária a incursão na furna devido à grande quantidade de indivíduos que a visitavam ao mesmo tempo.

Foram observados os seguintes itens organizados em tabela: número de visitas e visitantes, faixa etária estimada, sexo, hora da entrada, permanência no interior da furna, porte de objetos para depósito na furna.

Além dos itens acima, foi registrado o comportamento geral dos visitantes, com relação ao ambiente e as oferendas e informações pessoais obtidas com visitantes e funcionários da Rede Furnas.

É importante ressaltar a distinção entre “visitas” e “visitantes” utilizada nesta pesquisa. Foi considerada uma única “visita” como sendo um visitante desacompanhado ou um grupo de visitantes como família, amigos e estudantes, enquanto os “visitantes” corresponderam a cada indivíduo que entrou na caverna.

4.5 Constituição das oferendas

Na maioria dos casos, em que a visitação se dava com porte de oferendas, essas eram compartilhadas entre os indivíduos do mesmo grupo para que fossem depositadas. Por isso, nas tabelas desta pesquisa, o registro de oferendas está ligado às visitas e não aos visitantes.

Para verificar o porte de oferendas, era dada atenção maior aos visitantes que entravam com bolsas, sacolas e caixas de papelão. Movimentos como agachamentos ou procura por um espaço específico, também denunciavam possível intenção de depositar objetos.

Foi observado o número de itens trazidos em cada visita bem como volume e tipo de objeto.

As velas conhecidas como “velas de sete dias” foram consideradas de porte médio, enquanto as comuns, menores, vendidas em maços com oito unidades, foram consideradas de porte pequeno.

Estatuetas de até 15 cm de altura foram consideradas de porte pequeno. Entre 15 e 30 cm, porte médio e acima de 30 cm, estatuetas de grande porte.

Para auxiliar na credibilidade dos dados referentes às oferendas depositadas, foi realizado registro das mesmas com máquina fotográfica digital semiprofissional Sony DSC-H9[®] após o depositante deixar a furna.

No início e no fim de cada dia de observação, foram obtidas diversas fotos de todo o interior da furna, contendo imagens e outros objetos, seguindo o sentido anti-horário partindo da entrada na lateral direita. As imagens obtidas com a máquina digital foram armazenadas em um notebook e separadas em pastas nomeadas com o dia do registro. Essas imagens auxiliaram na identificação de profundas mudanças na posição e número de oferendas ocorridas nos horários não observados.

4.6 Registro das observações

Os dados foram registrados em tabelas desenhadas numa agenda onde cada linha correspondia a um visitante e cada coluna ao tipo de dado coletado.

As colunas seguiram a seguinte ordem:

- Numeração em ordem crescente para verificação do número de visitantes;
- Numeração acompanhada de uma letra em ordem alfabética, para registro de visitas e identificação dos grupos, ex.: 1a, 1b, 1c, 1d significava que o grupo 1 possuía quatro indivíduos, 2a e 2b, dois indivíduos e assim por diante.
- Hora e minuto da entrada, contada a partir do momento em que o visitante cruzava o limite exterior da fuma em direção ao interior.
- Sexo do visitante, identificado somente pelas letras iniciais “M” (masculino) ou “F” (feminino).
- Estimativa da faixa etária, que variava de 0 a 9, 10 a 19, 20 a 29, 30 a 39, 40 a 49, 50 a 59, 60 a 69, 70 a 79, 80 ou mais anos.
- Hora e minuto da saída, contada a partir do momento em que o visitante cruzava o limite exterior da fuma em direção ao exterior.
- Registro de quantidade, volume e tipo de oferenda, se presente.

No fim de cada página um espaço era reservado para anotação de situações adversas ocorridas durante o dia de observação, como a impossibilidade de observar cada item especificado de cada visitante nos momentos de muitas visitas.

Nos casos em que a chegada de muitos visitantes ao mesmo tempo tornava difícil a anotação de alguns itens na tabela, os espaços eram deixados em branco.

4.7 Tratamento dos dados

O tratamento dos dados obtidos por meio da observação dos visitantes se deu com auxílio da planilha eletrônica do pacote Office da Microsoft[®], o Excel[®].

Foi criada, num único arquivo, uma planilha para os dados de cada dia da semana de observação. As somas e as médias obtidas a partir dos dados foram organizadas na planilha com os mesmos para melhor entendimento.

Com os resultados das planilhas de cada dia de observação foi possível montar, numa única tabela o número total, por dia da semana e geral, de - visitas com e sem oferendas, visitantes por sexo, visitantes por faixa etária, visitantes por faixa de horário - além do tempo médio de visitação com e sem oferendas e número total de oferendas, tipo e volume. A partir dessa, para a descrição detalhada de cada item observado durante a pesquisa, os resultados foram organizados em tabelas separadas.

Com ajuda do programa Excel[®] e com os resultados de cada tabela foi gerado um ou mais gráficos de tipos variados.

5 RESULTADOS

5.1 Visitas

Nos sete dias de observação, de 20 a 26 de agosto de 2010, foram registradas aproximadamente 339 visitas sendo considerada uma visita um indivíduo desacompanhado ou mais indivíduos reunidos em um só grupo.

O número de visitas foi maior no fim de semana chegando a 106 no domingo, como mostra a tabela 1, mais que o dobro da média dos demais dias. Porém, se considerada a proporção, apenas sexta-feira teve menos visitas com oferendas que o domingo. Esses dados revelam que apesar do número de visitas ter sido maior no domingo, o perfil dos visitantes se diferencia dos outros dias.

Tabela 1 – Número total de visitas na furna principal de Sombrio, com e sem porte de oferendas, distribuídas pelos dias da semana.

| | 6ª feira | Sáb. | dom. | 2ª feira | 3ª feira | 4ª feira | 5ª feira | Total |
|----------------|----------|-------|-------|----------|----------|----------|----------|-------|
| Geral | 49 | 63 | 106 | 30 | 39 | 22 | 30 | 339 |
| Com Oferenda | 7 | 13 | 16 | 6 | 8 | 4 | 7 | 61 |
| % Com Oferenda | 14,29 | 20,63 | 15,09 | 20,00 | 20,51 | 18,18 | 23,33 | 17,99 |
| Sem Oferenda | 42 | 50 | 90 | 24 | 31 | 18 | 23 | 278 |
| % sem Oferenda | 85,71 | 79,37 | 84,91 | 80,00 | 79,49 | 81,82 | 76,67 | 82,01 |

As visitas sem oferendas corresponderam a 82,01% do total observado, portanto a maioria dos visitantes não traz nenhuma espécie de oferenda como pode ser observado na figura 1. Também é possível observar (fig. 1) como o número de visitas com oferendas se mantém mais constante durante a semana enquanto as visitas sem oferendas variam bastante entre fim de semana e dias úteis.

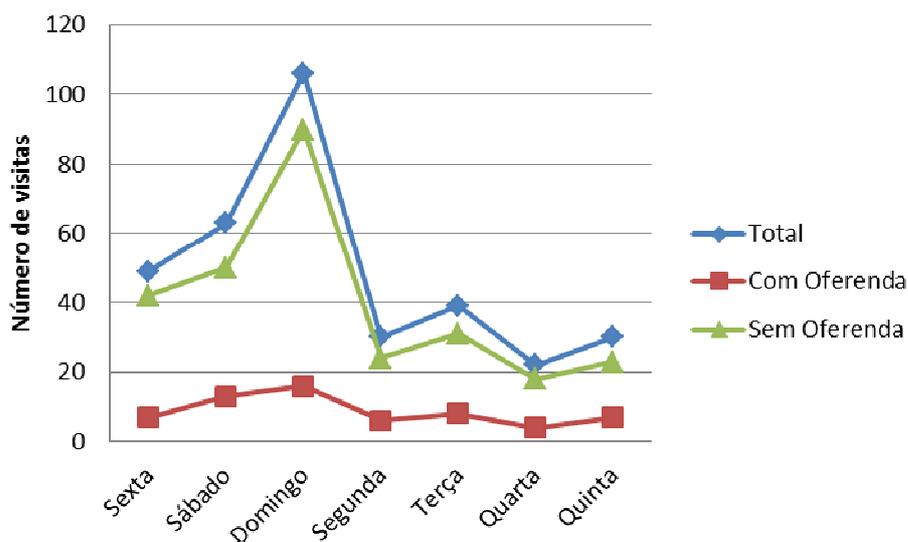


Figura 1 – Representação gráfica do total de visitas, na furna principal de Sombrio, com e sem porte de oferendas.

5.2 Visitantes

Por volta de 870 pessoas visitaram a Furna de Sombrio do dia 20 a 26 de agosto no período matutino entre 8h e 11h 30min e no vespertino entre 12h 30min e 17h 45min. Somente no domingo, 23 de agosto, a gruta maior recebeu 380 (tabela 2) visitantes correspondendo a 44% do total como pode ser observado na figura 2.

Tabela 2 – Número total de visitantes na furna principal de Sombrio, distribuídos por sexo e dias da semana.

| | 6ª feira | sáb. | dom. | 2ª feira | 3ª feira | 4ª feira | 5ª feira | Total |
|-------------|----------|-------|-------|----------|----------|----------|----------|-------|
| Geral | 112 | 150 | 380 | 69 | 68 | 35 | 56 | 870 |
| Masculino | 63 | 85 | 151 | 46 | 45 | 22 | 34 | 446 |
| % Masculino | 56,25 | 56,67 | 39,74 | 66,67 | 66,18 | 62,86 | 60,71 | 51,26 |
| Feminino | 49 | 65 | 127 | 23 | 23 | 13 | 22 | 322 |
| % Feminino | 43,75 | 43,33 | 33,42 | 33,33 | 33,82 | 37,14 | 39,29 | 37,01 |

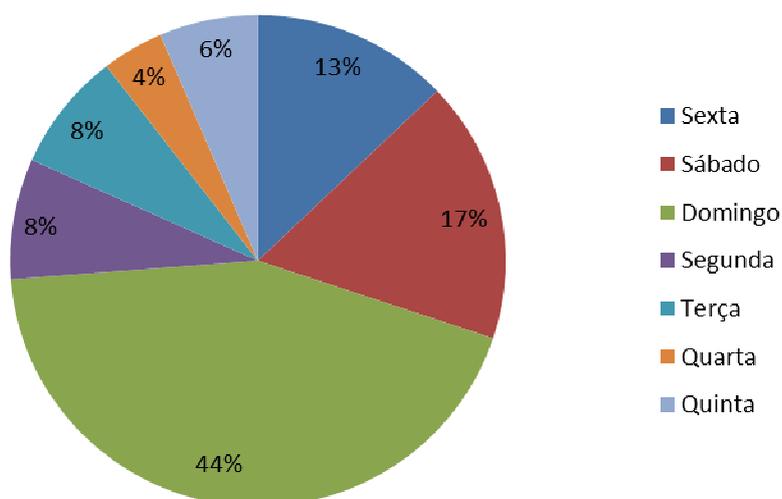


Figura 2 – Representação gráfica da porcentagem total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos pelos dias da semana.

Na divisão por sexo os homens compõem a maioria dos visitantes superando as mulheres em 124 indivíduos do total observado (tabela 2). Conforme a figura 3 dos visitantes observados, 58% eram do sexo masculino enquanto 42% do sexo feminino. Esta diferença se acentua se considerado apenas os dias úteis da semana.

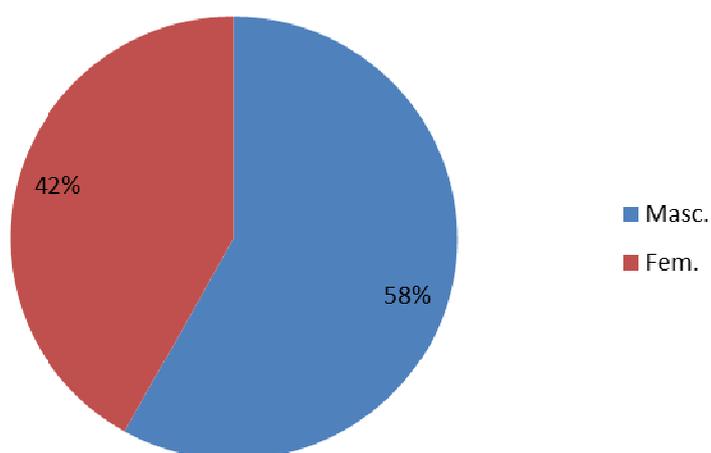


Figura 3 – Representação gráfica da porcentagem total de visitantes, na furna de Sombrio, distribuídos por sexo.

O fato de a maioria dos visitantes da furna principal de Sombrio ter sido do sexo masculino deve estar ligado à localização da mesma, ao lado da BR 101,

onde o acesso é feito, geralmente, por veículos motorizados. “De acordo com o Registro Nacional de Carteiras de Habilitação (Renach), até dezembro de 2008 o Brasil tinha registrado 45137916 de condutores, sendo que 33% desse total são do sexo feminino” (BRITTO, 2010).

Durante os dias úteis, boa parte dos visitantes chegava com carros de empresas ou então eram caminhoneiros. Poucas foram as visitas exclusivamente femininas.

Do total de 870 visitantes foi possível identificar o sexo de 768 indivíduos. Alguns grupos, principalmente no domingo, visitavam a furna em grande número e ao mesmo tempo, o que dificultava a observação e anotações.

5.3 Faixa etária

A maioria dos visitantes, 37% do total, possuía entre 40 e 59 anos (figura 4). Já os visitantes com faixa etária de 0 a 19 anos tiveram uma baixa representatividade, apenas 12%. A tabela 3, com faixa etária mais detalhada, revela que o número de visitantes da furna principal de 0 a 9 anos foi de 63, praticamente o dobro dos visitantes com faixa etária de 10 a 19 anos. Tais números podem significar certo desinteresse dos adolescentes em visitar a furna enquanto as crianças acompanham os adultos.

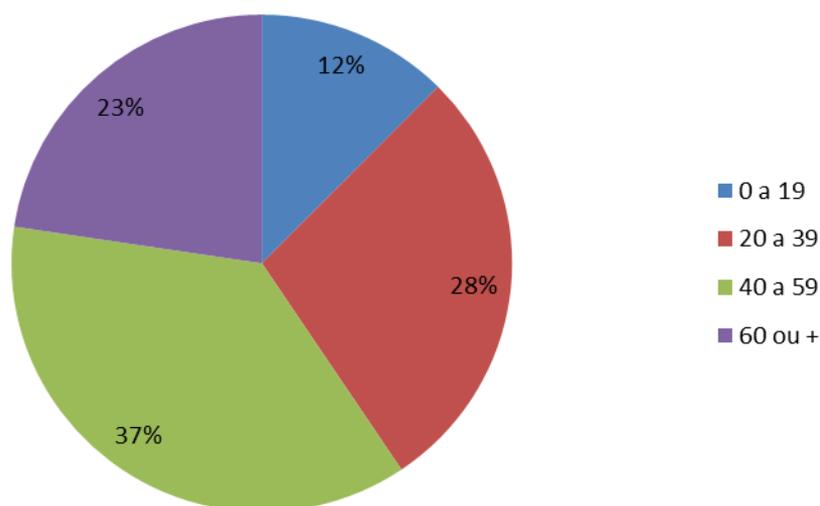


Figura 4 – Representação gráfica da percentagem total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa etária.

O número total de visitantes da furna contendo entre 40 e 49 anos foi o maior chegando aos 143 indivíduos, seguido imediatamente dos visitantes entre 50 e 59 anos (138 indivíduos). Os visitantes identificados como tendo de 60 a 69 anos formaram o terceiro maior grupo juntamente com os de 30 a 39. Estes dados revelam a alta faixa etária dos visitantes. Mais da metade dos visitantes possuíam mais de 40 anos.

Tabela 3 – Número total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa etária e dias da semana.

| | 6ª feira | sáb. | dom. | 2ª feira | 3ª feira | 4ª feira | 5ª feira | Total |
|---------|----------|------|------|----------|----------|----------|----------|-------|
| 0 a 9 | 13 | 14 | 22 | 7 | 5 | 0 | 2 | 63 |
| 10 a 19 | 9 | 5 | 15 | 1 | 1 | 0 | 1 | 32 |
| 20 a 29 | 14 | 19 | 42 | 4 | 6 | 1 | 5 | 91 |
| 30 a 39 | 28 | 32 | 38 | 10 | 9 | 2 | 5 | 124 |
| 40 a 49 | 23 | 27 | 45 | 15 | 13 | 7 | 13 | 143 |
| 50 a 59 | 17 | 24 | 40 | 10 | 20 | 10 | 17 | 138 |
| 60 a 69 | 5 | 24 | 54 | 19 | 6 | 12 | 4 | 124 |
| 70 a 79 | 3 | 5 | 18 | 3 | 4 | 2 | 8 | 43 |
| 80 + | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 1 | 1 | 6 |

5.4 Horário de visita

Em relação ao horário de visita das Furnas, o único padrão observável é um aumento de visitantes entre 14h 16min e 16h. Embora nem sempre configurando o período de mais visitas, em quase todos os dias foi mais visitado que o período anterior, entre 12h 31min e 14h 15min, e o posterior, entre 16h 01min e 17h 45min.

O período da manhã entre 8h e 9h 45min, no total, recebeu menos visitantes, conforme tabela 4.

Tabela 4 – Número total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa de horário e dias da semana.

| | 6ª feira | sáb. | dom. | 2ª feira | 3ª feira | 4ª feira | 5ª feira | Total |
|----------------|----------|------|------|----------|----------|----------|----------|-------|
| 8h00 as 9h45 | 10 | 42 | 44 | 0 | 12 | 5 | 3 | 116 |
| 9h46 as 11h30 | 20 | 22 | 107 | 26 | 18 | 5 | 4 | 202 |
| 12h31 as 14h15 | 20 | 28 | 68 | 13 | 19 | 8 | 28 | 184 |
| 14h16 as 16h00 | 32 | 38 | 95 | 13 | 17 | 13 | 18 | 226 |
| 16h01 as 17h45 | 30 | 20 | 66 | 17 | 2 | 4 | 3 | 142 |

A figura 5 mostra que não existe um padrão bem definido em relação aos horários de visitação da furna principal de Sombrio.

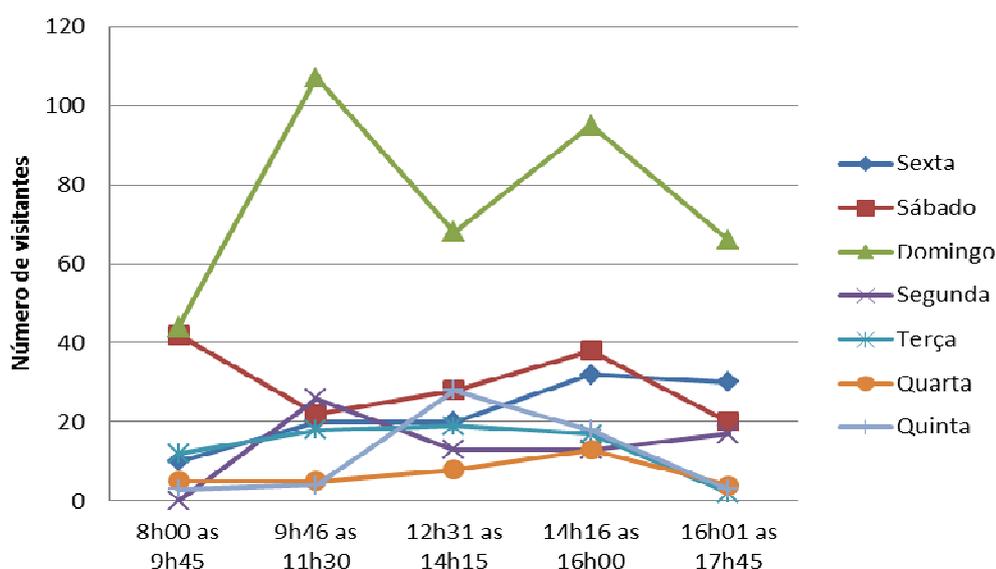


Figura 5 – Representação gráfica do número total de visitantes, na furna principal de Sombrio, distribuídos por faixa de horário e dias da semana.

À medida que o dia escurece, as visitas diminuem consideravelmente. Nos dias 23, 24, 25 e 26 de agosto de 2010, a furna principal não recebeu nenhuma visita após as 17h.

5.5 Tempo médio de visitação

A maior parte dos visitantes não permaneceu por muito tempo dentro da caverna. Foram visitas rápidas, muitos dos visitantes nem exploravam toda a extensão da furna permanecendo por pouco tempo logo após a entrada na mesma.

Outros visitantes percorriam as laterais e fundos da caverna, trajeto que pode ser feito com tranquilidade em até três minutos, andando vagarosamente.

Como se pode observar na tabela 5, o tempo médio de permanência geral, ou seja, visitas com ou sem oferendas, é de $4,48 \pm 4,44$ minutos.

Os tempos médios de visitas com oferendas na sexta-feira e no sábado foram, respectivamente, $11 \pm 15,3$ minutos e $11 \pm 8,72$ minutos (tabela 5). Esta grande variação no tempo que se pode observar em relação ao dado de sexta-feira, ocorreu devido ao fato de um único visitante permanecer por 50 minutos na furna.

Tabela 5 – Tempo médio de permanência em minutos no interior da furna principal de Sombrio, de visitantes com oferendas, sem oferendas e geral.

| | 6ª feira | sáb. | dom. | 2ª feira | 3ª feira | 4ª feira | 5ª feira | Total |
|----------------------------------|----------|------|-------|----------|----------|----------|----------|-------|
| Tempo médio geral | 3,97 | 4,57 | 5,69 | 3,42 | 4,47 | 4,09 | 5,18 | 4,48 |
| Desvio padrão | 5,05 | 4,61 | 4,68 | 2,13 | 3,86 | 3,82 | 3,77 | 4,44 |
| Total de visitantes observados | 110 | 150 | 267 | 64 | 68 | 35 | 56 | 750 |
| Tempo médio com oferendas | 11 | 11 | 12,39 | 5,29 | 9,64 | 6,6 | 6,71 | 8,95 |
| Desvio padrão | 15,3 | 8,72 | 8,35 | 3,3 | 6,15 | 2,19 | 4,31 | 8,51 |
| Total de visitantes observados | 9 | 19 | 18 | 7 | 11 | 5 | 7 | 76 |
| Tempo médio sem oferendas | 3,35 | 3,6 | 5,2 | 3,19 | 3,47 | 3,66 | 4,96 | 3,92 |
| Desvio padrão | 2,05 | 2,53 | 3,9 | 1,86 | 2,19 | 3,9 | 3,69 | 3,24 |
| Total de visitantes observados | 101 | 131 | 249 | 57 | 57 | 30 | 49 | 674 |

O tempo de permanência na furna principal varia bastante em relação ao porte de oferenda. Visitantes com oferenda permaneceram, em média, o dobro do tempo dos que não traziam oferenda alguma.

Os dados entre visitantes com e sem oferendas também diferem bastante em relação à variação do tempo de permanência. Em seis dos sete dias observados, a variação no tempo de permanência foi maior entre os visitantes que traziam oferendas. Chamam a atenção, pela grande diferença, os dados de sexta-feira e sábado, que superam os seis minutos.

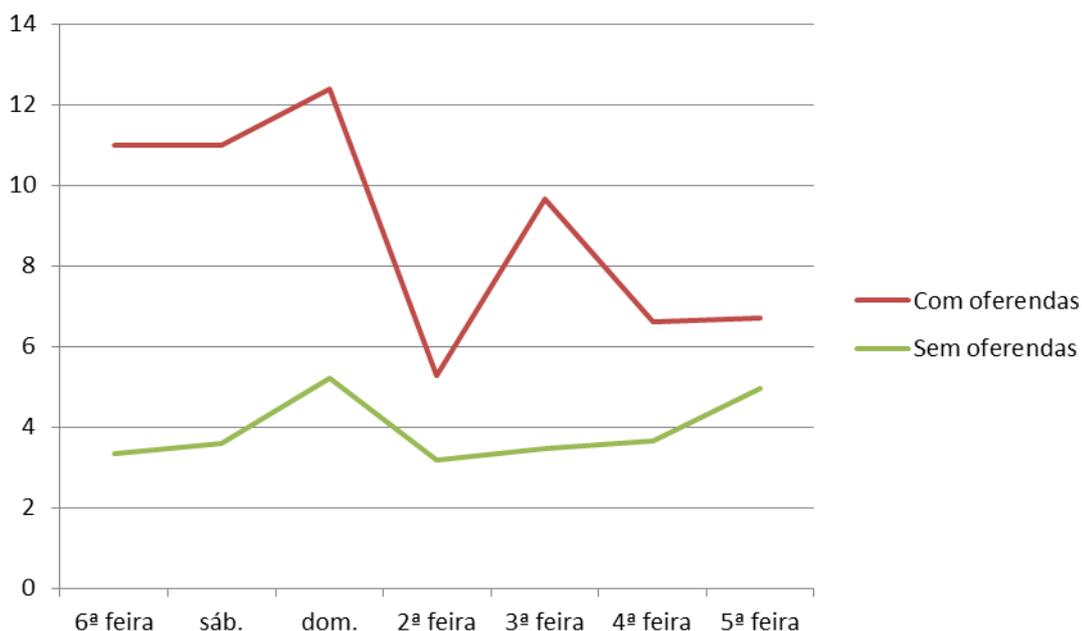


Figura 6 – Representação gráfica do tempo médio em minutos de permanência dos visitantes com e sem oferendas, no interior da furna principal de Sombrio, distribuídos pelos dias da semana.

Domingo foi o dia da semana com maior tempo médio de permanência dos visitantes na furna principal, seguido de quinta-feira.

5.6 Oferendas

As oferendas depositadas durante o período de observação foram, na maioria, constituídas por velas comuns e velas de sete dias. Também foram observadas outras oferendas como estatuetas, bíblia, balas e vasos com flores.

Tabela 6 – Número total e tipo de oferendas depositadas pelos visitantes na furna principal de Sombrio, distribuídos pelos dias da semana.

| | 6ª feira | sáb. | dom. | 2ª feira | 3ª feira | 4ª feira | 5ª feira | Total |
|--------------------|----------|------|------|----------|----------|----------|----------|-------|
| Velas comuns | 14 | 135 | 270 | 28 | 74 | 32 | 34 | 587 |
| Velas de sete dias | 4 | 6 | 4 | 1 | 11 | 3 | 3 | 32 |
| Vasos com flores | 0 | 3 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 6 |
| Estatuetas | 0 | 1 | 2 | 0 | 1 | 0 | 1 | 5 |
| Balas | 0 | 7 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 7 |
| Bíblias | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |

Há uma clara preferência dos visitantes por velas do tipo comum, geralmente trazidas em maços com oito unidades. Os números são aproximados, pois muitas vezes os visitantes vieram com sacolas comuns de supermercados contendo muitas velas. A estimativa foi feita observando as fotos, registradas após o depósito das oferendas.

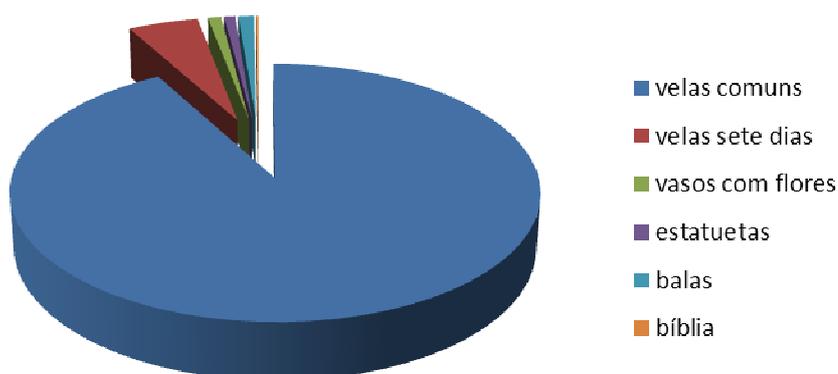


Figura 9 – Representação gráfica da porcentagem do número total de oferendas por tipo durante toda a semana.

Embora aurna principal, no domingo, tenha recebido um número de visitas com oferenda ligeiramente maior que no sábado, foi depositado o dobro de velas comuns.

As estatuetas, que dominam a paisagem dentro da caverna, são depositadas em menor número em relação às outras oferendas, porém, por serem constituídas na maioria de gesso, permanecem por mais tempo.

6 DISCUSSÃO

6.1 Caracterização do ambiente e estado atual das Furnas de Sombrio

O Morro, conhecido como Morro das Furnas, possui cinco cavernas que se distanciam entre si por apenas alguns metros.

A furna principal (figura 10, quadro “A”) é a maior entre as cinco e também a mais visível. Sua superfície fica um pouco abaixo das demais. Possui dois salões, de acordo com Reitz (1988, p.105), o primeiro com 46m de profundidade e o segundo com 28m. Ainda segundo Reitz (1988, p.105), a largura da “boca” é de 17m e a altura na parte central da furna é de 5,3m, somando uma área total de 1118 m².



Figura 10 – Imagem das entradas das furnas de Sombrio (segundo da esquerda para direita, partindo da furna principal): furna principal (A); segunda furna (B); terceira furna (C); quarta furna (D).

Entre as furnas observadas, a “principal” (figura 10, quadro “A”) é a que se encontra mais alterada. Possui dois altares para colocação de imagens, um bem ao fundo e o outro entre esse primeiro e a entrada do segundo salão. Diversas imagens sacras, além de outras oferendas, estão depositadas nesses altares e praticamente não há mais espaço para mais oferendas. A lateral direita de quem entra na furna também contém diversas imagens, desde a entrada até os fundos, algumas no chão e outras mais acima na camada de rocha mais dura que se sobressalta em quase toda parede.

Na lateral esquerda da furna principal, a camada de rocha mais dura citada acima, fica mais ao alto, dificultando o acesso. Certamente se trata da mesma camada, que devido à erosão por infiltrações, cedeu na parte central resultando nas rochas que existiam na superfície da furna antes do aterramento. Como nessa lateral (esquerda) a camada de rocha que se sobressalta se encontra mais ao alto, as imagens e outras oferendas foram depositadas no chão.

No centro da furna principal, também há imagens e outras oferendas depositadas. Fotos de 2007 do interior da furna obtidas na internet mostram essa área ainda sem oferendas, o que indica que são depósitos recentes.

A furna representada pelo quadro “B” da figura 10 fica ao lado da furna principal, logo atrás de uma lanchonete anexada ao posto de gasolina. Tem por volta de 20 m de profundidade e também 20 m de largura na entrada. No interior, mais naturalmente iluminado que todas as outras furnas, há uma mesa de madeira com bancos do mesmo material para os visitantes.

A furna representada pelo quadro “C” da figura 10 deve ter por volta de 25 m de profundidade e largura. Uma grande poça rasa ocupa parte do interior. Não havia velas, porém foi encontrado um rosário em cima de uma rocha. A parede contém pichações e no chão havia uma sacola com conteúdo não verificado. Além das pichações e da sacola, no interior da grande poça havia uma construção circular de rocha semelhante a um poço artesanal.

A furna representada pelo quadro “D” da figura 10 tem a menor entrada entre as quatro visitadas, com 10 m de largura, porém sua profundidade supera a das furnas mostradas nos quadros “B” e “C” (figura 10) contento por volta de 30 m. Praticamente todo o chão é dominado por um lago, o qual, segundo um funcionário do Auto Posto Furnas, chega a ter um metro de profundidade e contém peixes. Nessa furna foram encontradas, na manhã do dia 23 de agosto, dez velas médias

das quais duas ainda estavam acesas. Uma delas, posicionada bem ao fundo, aparentava ser muito recente, uma vez que a chama ainda estava à mostra e provavelmente tenha sido colocada no domingo (22 de agosto de 2010) enquanto a outra deve ter sido antes de sábado a julgar pelo tanto de cera já consumida pela chama.

Atualmente o ambiente externo das furnas se encontra bastante alterado. Em frente ao Morro das Furnas, onde antes era o caminho dos tropeiros, passa a BR 101. Ao lado esquerdo da furna principal, sobre algumas rochas remanescentes, fica o Restaurante das Furnas. Ao lado direito, em frente às três furnas menores, ficam a lanchonete e o posto de combustível da Rede Furnas. Acima, campos de pastagem com algumas propriedades rurais. Uma estreita faixa de vegetação remanescente contorna o morro na face onde se encontram as furnas.

6.2 Comportamento dos visitantes e deposição de oferendas

Durante a pesquisa foi possível perceber que alguns dos visitantes tratavam o ambiente com muito respeito olhando calmamente cada objeto e lendo os dizeres dos quadros, mudando objetos de lugar e levantando os caídos. Esses permanecem por mais tempo dentro da caverna.

Muitos dos visitantes, mesmo não trazendo velas, acendem as que já estavam por ali e não queimaram até o fim. Foi uma prática bem comum durante o período de registro.

As velas definidas como de tamanho médio são revestidas com plástico o qual não é retirado por quem as deposita. Apenas abrem na extremidade onde está o pavio e acendem. Essas velas permanecem acesas por dias, mas são pouco usadas em relação às comuns, menores.

É hábito de alguns organizarem as velas inclinadas em direção ao santo de preferência, como mostra a figura 11 (quadros “A” e “C”). Podia se encontrar até 25 velas pequenas colocadas nessa posição. Dessa forma as velas queimavam mais rapidamente e a cera ocupava as partes mais baixas do chão formando uma poça que se solidificava em seguida. No fim do primeiro dia de observação, após verificar a grande quantidade de velas depositada, era de se estranhar que o chão

não estivesse repleto de placas de cera de dias anteriores, o que levou a conclusão de que alguém estava limpando o ambiente, hipótese confirmada mais tarde.



Figura 11 – Foto com depósito de velas comuns no altar secundário do interior da furna principal de Sombrio: velas recém-colocadas (A e C); poça de cera formada pelas velas (B e D).

Até mesmo nos locais mais altos os santos são reverenciados com as oferendas. É provável que escadas sejam usadas, mas durante o período de observação, o único caso observado de colocação de oferendas nas partes mais altas do interior da furna principal, foi de um jovem que subiu nos ombros do pai para alcançar o santo que, segundo a família, pertencia à tia do jovem. O pai do garoto relatou que com muito esforço colocaram uma estatueta na parte mais alta da caverna no lado esquerdo de quem entra, onde o acesso se torna mais difícil. O local foi escolhido por ser iluminado por um dos três refletores posicionados no teto da caverna.

Por meio das imagens de alguns anos atrás – obtidas na internet, com o Jornal Correio do Sul de Sombrio e de arquivos pessoais de pessoas que já visitaram a furna principal – o depósito de oferendas (na maioria imagens de gesso)

nas laterais esquerda e direita e, no centro da caverna, foi feito durante a última década (2000 a 2010).

A figura 12 mostra o interior da furna principal em dois momentos distintos, 24 de abril de 2005 (quadro “A”) e 20 de agosto de 2010 (quadro “B”). As duas fotos foram tiradas de ângulos ligeiramente diferentes, mas que não comprometem a análise.

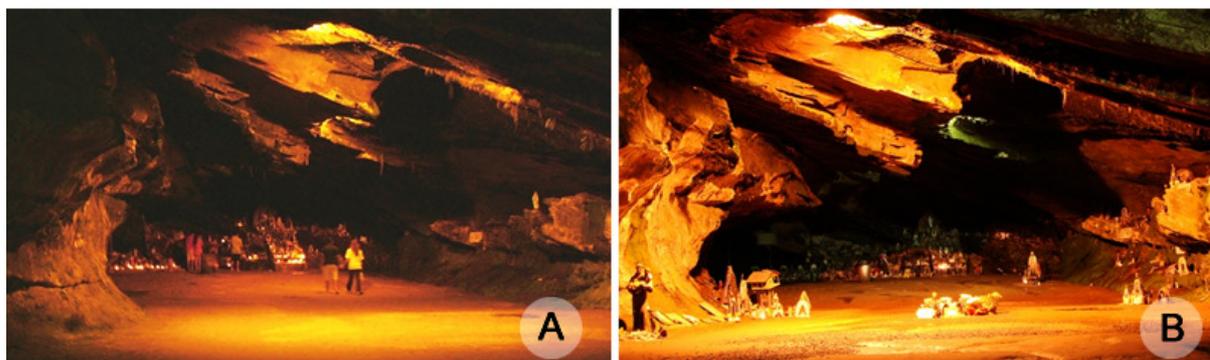


Figura 12 – Foto montagem: interior da furna principal em 24 de abril de 2005 (quadro “A”), arquivo pessoal de Pedro Henrique Cardoso e; interior da furna principal em 20 de agosto de 2010 (quadro “B”).

Às vezes um maço inteiro de velas pequenas é colocado sem tirar a embalagem de plástico. Neste caso o plástico se derrete junto com as velas que queimam rapidamente por estarem juntas.

Houve uma situação em que as velas colocadas juntas aos pés de uma das imagens de gesso, identificada como Santo Expedito, no altar principal formaram labaredas que cobriam toda a estatueta (figura 13, quadro “A”). O fogo continuou mesmo após as velas terem se derretido. Um dos visitantes tentou apagar o fogo jogando a água que juntava da poça com um copo plástico encontrado no local, porém o mesmo não se extinguia. A imagem do santo continuou queimando até que outros visitantes resolveram fazer uma nova tentativa, dessa vez, apagando o fogo com sucesso. A caverna foi tomada por uma fumaça não muito densa (figura 13, quadro “C”) gerada pelas chamas. O odor para quem permanecia por algum tempo era nauseante.



Figura 13 – Imagem de Santo Expedito em chamas: (A) imagem em chamas; (B) imagem após extinção do fogo e; (C) Imagem do interior da furna principal dominado pela fumaça.

A maioria dos visitantes que depositaram velas, trouxeram-nas consigo, no entanto, alguns adquiriram no restaurante ou na lanchonete – os quais possuem grande disponibilidade do produto – após a visita na furna principal, provavelmente inspirados pelo ambiente.

Não houve grande variação nas cores das velas, sendo a mais usada a comum de cor "branco gelo".

Um casal, aparentemente muito pobre, apareceu sábado e domingo para vender pequenos porta-retratos de vidro e alumínio com imagens sacras. Ficaram apenas no período entre 11 e 14 horas. O senhor, de 41 anos, disse que o movimento na furna estava “fraco” e que no verão o número de visitas era bem maior.

As goteiras também fazem parte da atração. Os crédulos se benzem, banham-se molhando o rosto, a nuca e até mesmo as partes íntimas com as gotas que caem do teto da caverna. Existe um pedaço de mangueira na lateral direita da

furna principal por onde corre água suficiente para que as pessoas encham garrafas PET e levem para casa.

Aparentemente pessoas de menor poder aquisitivo que chegam até a caverna a pé, de bicicleta ou com veículos motorizados populares (ou com bastante tempo de uso) são as que apresentam maior devoção depositando as velas, orando, benzendo-se com a água das goteiras e passando a mão na cabeça das estátuas maiores. As que apresentam melhor poder aquisitivo, chegando com veículos de melhores condições, permanecem por pouco tempo dentro da caverna e não demonstram o mesmo nível de concentração e comprometimento dos fiéis citados anteriormente.

Muitos santos de gesso estão deteriorados, quebrados e outros sem a cabeça (figura 14, quadros “C” e “D”). Segundo o senhor que vende os retratos, adolescentes filhos de moradores da região teriam depredado algumas das estatuetas. Durante a semana de observação não ocorreu nenhum caso similar.

Espalhados em vários locais, inclusive nas poças d'água, como mostrado no quadro “B” da figura 14, vários panfletos com orações serviam de souvenir para muitos dos visitantes, entretanto só os de bom aspecto eram levados (figura 14, quadro “A”).



Figura 14 – Foto montagem: (A) folhetos com orações disponíveis para os visitantes e (B) espalhados pelo chão; (C e D) imagens deterioradas pelo tempo no altar principal, no interior da furna maior de Sombrio.

Durante o tempo de observação, não foi constatado nenhuma prática depredatória intencional, no entanto houve quem jogasse embalagens de vela no chão, apesar das duas lixeiras disponíveis, e xepas de cigarro atiradas ao chão e até mesmo entre as estatuetas.

Muitos casais visitaram a caverna. Os que traziam velas as dividiam entre si para depositar em frente do objeto de escolha.

6.3 Impacto ambiental causado pelas práticas religiosas

O depósito de oferendas, bem como o número de visitantes na furna principal, foi muito maior que o esperado antes da observação. Os números de 870

visitantes e mais de seiscentas velas depositadas além de outras oferendas, realmente impressionam, principalmente por se tratar de uma semana sem qualquer data comemorativa especial e estar fora da temporada de verão, que segundo os funcionários do posto de combustível e do restaurante da Rede Furnas, é quando as visitas na caverna aumentam significativamente.

Embora haja pichações e lixo jogado pelos turistas, esses se tornam pormenores em relação ao impacto ambiental causado pelo acúmulo de oferendas.

A furna maior conta com mais de 730 estatuetas, muitas das quais estão avariadas pelo tempo ou mesmo depredadas. Algumas destas estatuetas foram fixadas nas paredes da caverna com cimento.

No fundo da furna principal foi construído um altar no formato de uma escadaria, onde está boa parte das estatuetas. Ao lado esquerdo, em frente à entrada do segundo salão, também há um local preparado para a colocação das estatuetas e outras oferendas.

O segundo salão da furna principal, tem acesso restrito, bloqueado por uma tela metálica e aparentemente não possui iluminação artificial. Dele é retirada uma lama pelos funcionários da Rede Furnas, cujas propriedades, segundo a crença popular, têm poder de cura.

O artigo 225 da Constituição Federal Brasileira defende que

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Protestantes evangélicos, ateus, agnósticos e seguidores de outras crenças que não adoram imagens, nem realizam rituais com oferendas, certamente não contribuem impactando o ambiente das furnas por suas práticas religiosas. E podem até mesmo se sentirem inibidos de visitar a furna principal por estar tomada pelas estatuetas.

A Lei Federal n. 6.938/81 estabelece a Política Nacional do Meio Ambiente que de acordo com o artigo 2º

tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana [...]

Scheibe & Pellerin (1997, p. 12) sugerem a “implantação de uma APA (Área de Proteção Ambiental) em toda encosta da Serra Geral na Região Sul Catarinense” com intuito de preservar as florestas para manter os recursos hídricos evitando o desencadeamento de processos erosivos de caráter catastróficos.

Vargas et al. (1997, p.104) defende o uso da “reserva de água do arenito Botucatu, por meio de poços artesianos, localizados na área limítrofe de Sombrio com Santa Rosa do Sul, a oeste da cidade, distante 6 a 10 km” como proposta alternativa para abastecimento de água. Nas proximidades do morro das Furnas existe uma envazadora de água mineral extraída do arenito Botucatu, que comercializa a água Cristalina do Monte[®].

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Furnas de Sombrio, juntamente com a Lagoa do Sombrio logo em frente, forma um conjunto de grande beleza para o Estado de Santa Catarina. As cavernas, bem ao lado da BR 101, ainda preservam parte do estado natural que desperta respeito religioso, admiração pela paisagem, medo, reflexão e outros sentimentos de difícil descrição expressados pelos visitantes durante o breve período de observação.

Desde o início da colonização, a igreja católica detém o poder religioso no país e com sua verdade absoluta confortava os exploradores e colonizadores além da tentativa, muitas vezes frustrada, de “humanizar” e catequisar os indígenas e escravos africanos.

A religião praticada pelos indígenas no Brasil, predominante antes do “descobrimento”, possuía um aspecto mais saudável ao ambiente, pois constituía na admiração transcendental do mesmo. Segundo Sagan (1998, p. 152) “não há nada na tradição judaico-cristã-muçulmana que chegue perto da valorização da natureza na tradição hindu-budista-jaina ou entre os índios americanos”.

O catolicismo, trazendo características das grandes metrópoles, necessitava de terras, templos e imagens para expressar a fé por seus ídolos.

Mesmo com a proclamação da república fazendo do Brasil um Estado laico, a cultura religiosa da igreja católica permanece viva até mesmo em prédios públicos e currículos escolares.

A furna principal reflete parte da história das crenças no país. Ocupada pelos índios Carijós antes da colonização, permaneceu intacta até a chegada dos primeiros habitantes “brancos”, mas foi com o crescimento urbano na região, a partir da metade do século XX, que a caverna e o ambiente em volta passaram a sofrer alterações significativas. A construção da BR 101, onde antes era o caminho dos tropeiros, colaborou para o desenvolvimento e conseqüentemente para a degradação ambiental observada.

No interior da furna são inúmeras as imagens, fruto da adoração, promessas, simpatias e outras práticas que compõe as crenças da população. Mesmo o altar no fundo da caverna, uma escadaria contendo por volta de sete

degraus, não foi suficiente para expressar a fé dos visitantes. As imagens passaram a ser depositadas nas laterais, no chão e nos locais mais altos, transformando uma bela paisagem natural num verdadeiro santuário.

Já não bastasse a grande quantidade de velas depositadas, alguns visitantes nem retiram o envelope plástico que envolve os maços. O cheiro das velas queimando se mistura ao do plástico e nos momentos de maior atividade, como ocorreu durante o fim de semana do período de observação, o ar dentro da caverna se tornou bastante desagradável.

Há certa ingenuidade por parte dos que depositam objetos e alteram o ambiente dentro da furna. O respeito pelo ambiente e pelas imagens e outros objetos ali existentes, deve ser levado em conta, até pelo estado de alteração em que já se encontra a caverna. Não deve ser defendido apenas como um patrimônio natural, mas também, histórico-cultural.

Faz-se necessária a conscientização ambiental dos visitantes por meio de folhetos que expliquem a origem das cavernas, além de placas no local com instruções para o bom uso do ambiente. Uma limpeza efetiva no local para retirada das imagens descaracterizadas pela ação do tempo e vandalismo melhoraria o aspecto da paisagem, já que muitos dos objetos se encontram nessa situação.

As rochas que se desprendiam do teto e das laterais da caverna constituíam o chão desta junto com uma lama negra. Para facilitar o acesso dos visitantes ao fundo da caverna, essas rochas foram retiradas e o chão foi aterrado com brita e areão. Tal atitude certamente representou perda significativa da paisagem que compunha a furna. Uma passarela, sobre o chão de rochas e lama, teria sido uma solução menos degradante e até mesmo preveniria futuras alterações. Com mais pesquisas e comprometimento, talvez ainda seja possível recuperar pelo menos parte do ambiente original descrito pelo Pe. Raulino Reitz em seu livro “Paróquia de Sombrio (ensaio de uma monografia paroquial)”.

As três furnas ao lado da principal, por se apresentarem menos alteradas que a furna maior, merecem cuidados especiais e restrições quanto às visitas. Duas delas comportam um lago no interior. Mesmo nessas furnas, que não estão tão visíveis quanto a principal, podem-se observar algumas alterações como pichações, velas e outros objetos depositados nas laterais além de lixo. Ainda há uma furna menor que não foi observada durante a pesquisa, pois se encontra coberta pela vegetação, portanto, de difícil acesso.

As Furnas de Sombrio, e todo o meio-ambiente em volta, carece de mais estudos como este, que exaltem sua beleza natural e promovam a conservação. Uma única semana de pesquisa empírica certamente não é suficiente para chegar a conclusões precisas sobre a maioria das questões levantadas neste trabalho. É uma localidade que faz parte da história de Santa Catarina e do Brasil e não vem tendo o merecido reconhecimento. É preciso chamar a atenção da população local para a necessidade da proteção das belezas naturais do município e cobrar uma ação efetiva dos governantes responsáveis.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Rodrigo L. S. **Arte indígena e pré-histórica no litoral de Santa Catarina**. Florianópolis: Bristot, 2001. 84p.

ANJOS, Francisco A. dos; UEDA, Vanda. "Iluminando" o turismo em Sombrio. **Qualidade ambiental de municípios de Santa Catarina: O município de Sombrio**. Florianópolis: FAPEMA, 1997, p. 129 - 134.

BESEN, José Artulino. São João: o discípulo do amor. **Ecclesia: arquiocese ortodoxa grega de Buenos Aires e América do Sul**. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/hagiografia/s_joao_o_discipulo_do_amor.html> Acesso em: 27/01/2011.

BRITTO, Carlos. Homens se envolvem mais em acidentes que mulheres, diz pesquisa do Denatran. **Blog do Carlos Britto**. 2010. Disponível em: <<http://www.carlosbritto.com/homens-se-envolvem-mais-em-acidentes-que-mulheres-diz-pesquisa-do-denatran/>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

CARDOSO, Brenner W. Furnas de Sombrio. **Sul-SC**. Disponível em: <http://www.sul-sc.com.br/afolha/cidades/furnas_de_sombrio.htm>. Acesso em: 28 out. 2010.

CARLI, Vilma M. Inocência. **A obrigação legal de preservar o meio ambiente**. Campinas: ME Editora, 2004.

CARVALHO, Isabel C. M.; STEIL, Carlos A. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. **Ambiente & Sociedade**. v. XI, n. 2, 2008, p. 289-305.

COELHO, Rolando C. S. H. **Assim nasceu Sombrio**. Sombrio: Jornal Correio do Sul, 2003. 300 p.

CRIPPA, Adolpho. **Mito e cultura**. São Paulo: Convívio, 1975.

ETZEL, Eduardo. **Imagem sacra brasileira**. São Paulo: Melhoramentos: Ed. da USP, c1979. 157p.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Sombrio 85 anos: natureza, história e cultura.** 2000a.

_____. **Dos Açores ao Brasil Meridional uma viagem no tempo 500 anos litoral catarinense.** Florianópolis: Do autor, 2000b. v.2

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de Criação ao Big Bang.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

GOMES, Angela de Castro. Imigrantes italianos: entre a *italianità* e a brasilidade. In: IBGE Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil: 500 anos de povoamento.** 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 159-178.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O livro das religiões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HERMANN, Jacqueline. Cenário do encontro de povos: a construção do território. In: IBGE Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil: 500 anos de povoamento.** 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 17-34.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio.** 4.ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998. 115 p.

LARAIA, Roque de Barros. As religiões indígenas: o caso tupi-guarani. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 6-13, set./nov. 2005.

MISTICISMO das furnas, e suas imagens. **Sombrio: crescendo com responsabilidade.** Sombrio, 1992.

MOTT, Maria Lúcia. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil: 500 anos de povoamento.** 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 179-196.

MURARA, Marcial David. **Furnas de Sombrio.** Biblioteca Pública Municipal Cônego João Reitz Sombrio – SC, 2000. 3p.

ORO, Ari Pedro. **O “neopentecostalismo macumbeiro”.** REVISTA USP, São Paulo, n.68, p. 319-332, dez./fev. 2005-2006.

PAULI, Evaldo. Evolução religiosa do Sombrio de outrora (1605-1637). In: REITZ, Raulino Pe. **Paróquia de Sombrio**. Edição comemorativa do 10º aniversário. 1938-1948. Azambuja, Brusque, Santa Catarina, 1948, p. 11-24.

PEREIRA, Juventino J. **Sombrio**: sua origem, seu povo e tradição. Canoas, RS: La Salle, 1972. 138 p.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As religiões no Brasil. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 281-302.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé**: sociologia das religiões afro-brasileiras. São Paulo: Hucitec, 1996. 199 p.

REIS, João José. Presença negra: conflitos e encontros. In: IBGE Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil: 500 anos de povoamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 79-100.

REITZ, Raulino Pe. **Paróquia de Sombrio (ensaio de uma monografia paroquial)**. Edição comemorativa, 1938-1948. Sombrio: Paróquia Santo Antônio de Pádua, 1988, 194p.

RUBERT, Arlindo. **A igreja no Brasil**. Santa Maria, RS: Pallotti, 1981. 2 v.

SAGAN, Carl. **Bilhões e bilhões**: reflexões sobre vida e morte na virada do milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 275 p.

SARACENI, Rubens apud MEDIUM. **Altars, imagens, templos, fé e religiosidade**. 2010. Disponível em: <<http://mediumbanda.blogspot.com/2010/10/altars-imagens-templos-fe-e.html>>. Acesso em: 25/01/2011.

SCHILLING, Voltaire. A primeira missa. **História por Voltaire Schilling**. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/missa1.htm>> Acesso em: 9 de agosto de 2010.

SHEIBE, Luiz Fernando & PELLERIN, Joel. **Qualidade ambiental de municípios de Santa Catarina**: O município de Sombrio. Florianópolis: FAPEMA, 1997. 153 p.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994. 149p.

SODRÉ, Muniz. A cultura negra como atitude ecológica. **Brasil: o trânsito da memória**. São Paulo: EDUSP, 1994. p. 121-130.

SOMBRIO: governo do município. Disponível em:
<<http://www.sombrio.sc.gov.br/historia.html>> Acesso em: 27/01/2011.

SOUZA, Edson Belo de, et al. Uso e ocupação do solo urbano do município de Sombrio. **Qualidade ambiental de municípios de Santa Catarina: O município de Sombrio**. Florianópolis: FAPEMA, 1997, p. 53 – 60.

TAMDJIAN, James Onnig; MENDES, Ivan Lazzari. **Geografia geral e do Brasil: estudos para compreensão do espaço**. São Paulo: FTD, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. História indígena: 500 anos de despovoamento. In: IBGE Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil: 500 anos de povoamento**. 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 39-60.

VARGAS, Cláudio Godoy de, et al. Saneamento básico no município de Sombrio. **Qualidade ambiental de municípios de Santa Catarina: O município de Sombrio**. Florianópolis: FAPEMA, 1997, p. 95 – 114.

VELOSO, Guy. O caminho. **Caminho de Santiago de Compostela**. Disponível em:
< <http://www.santiago.com.br/introducao01.asp>>. Acesso em: 25/01/2011.

WILSON, Edward O. **O futuro da vida: um estudo da biosfera para a proteção de todas as espécies, inclusive a humana**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

WINGE, Manfredo. Furna ou gruta marinha – BR101 – Sombrio/SC. **Glossário geológico ilustrado**. Disponível em:
<http://vsites.unb.br/ig/glossario/fig/Furna_Sombrio_DSC00242.htm> Acesso em: 27/01/2011.

**APÊNDICE A – Imagens do interior da furna principal e demais furnas de
Sombrio - SC**

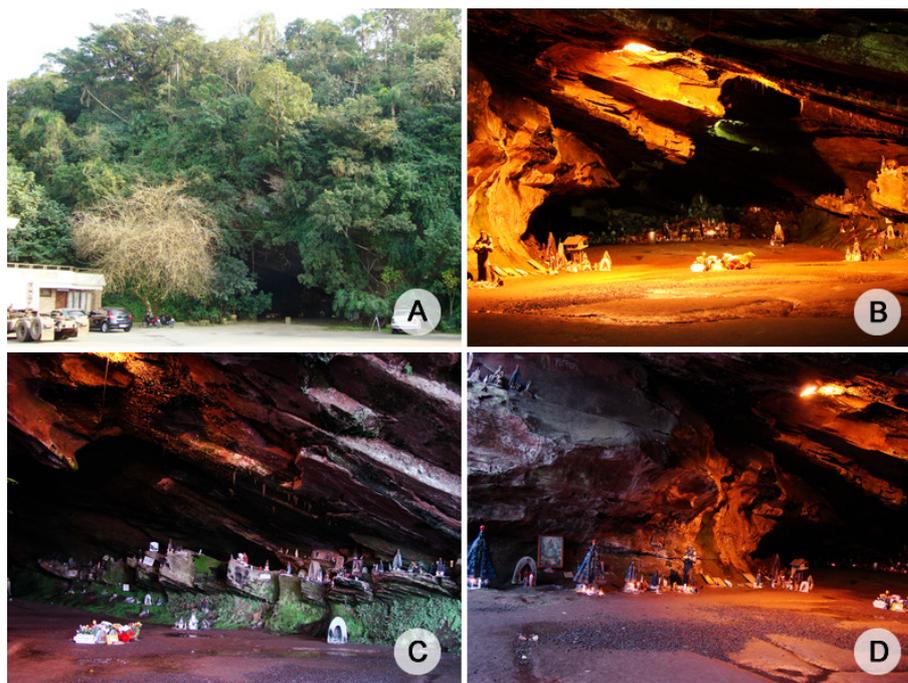


Fig. A1 – (A) Entrada da furna principal de Sombrio; (B) Interior da furna principal de Sombrio; (C) Lateral direita da furna principal de Sombrio; (D) Lateral esquerda da furna principal de Sombrio.

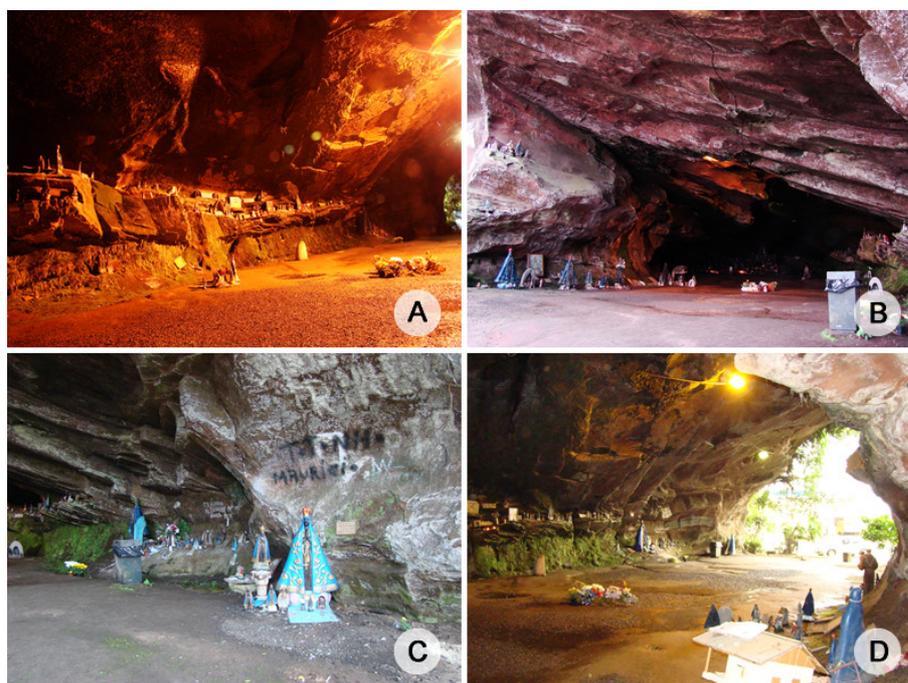


Fig. A2 – (A) Lateral direita da furna principal de Sombrio, vista do interior para o exterior; (B) Entrada da furna principal de Sombrio; (C) Entrada, lateral direita, da furna principal de Sombrio; (D) Interior da furna principal de Sombrio vista a partir dos fundos.

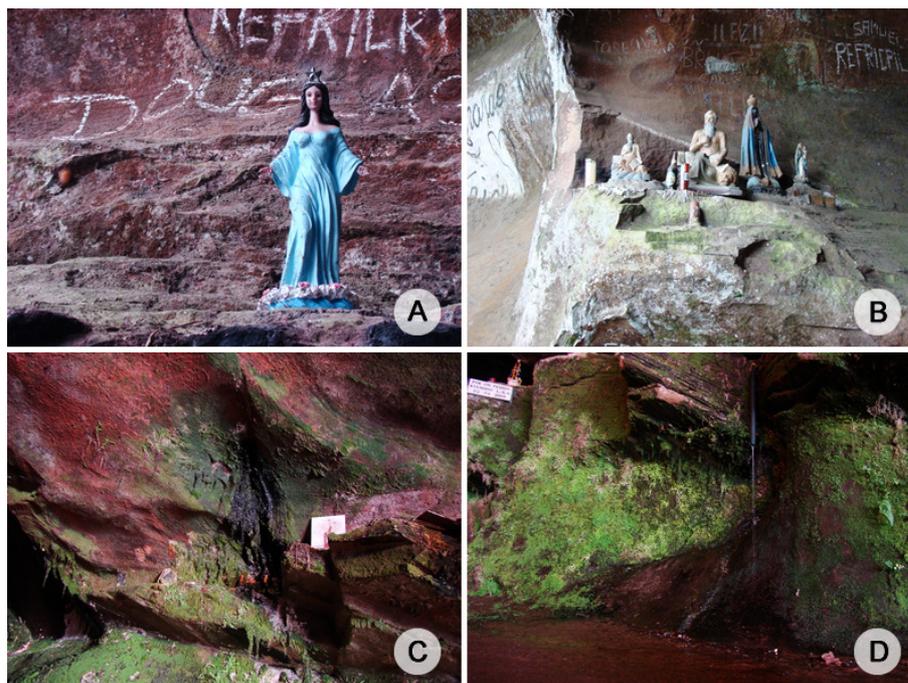


Fig. A3 – (A) Imagem de santa no alto da entrada, lateral esquerda, da furna principal de Sombrio; (B) Imagens de santos no alto da entrada, lateral esquerda, da furna principal de Sombrio; (C) Fissura com infiltração de água na lateral direita do interior da furna principal de Sombrio; (D) Local onde os visitantes abastecem garrafas com água, lateral direita do interior da furna principal de Sombrio.

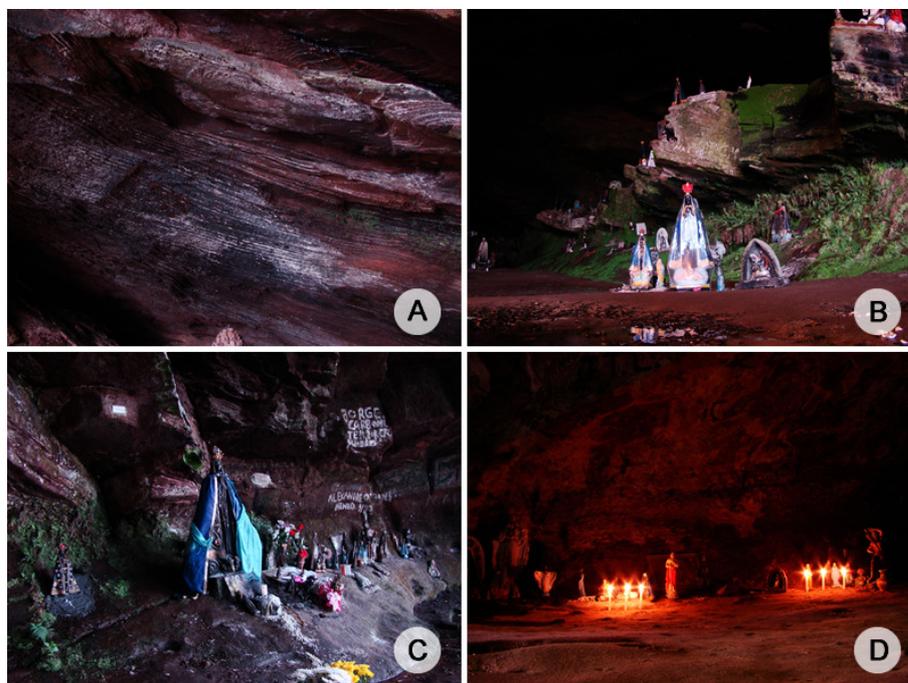


Fig. A4 – (A) Teto do fundo da furna maior de Sombrio logo acima do altar principal; (B) Imagens de santos no chão da lateral direita da furna principal de Sombrio; (C) Imagens de santos na base da parede da lateral direita da furna principal de Sombrio; (D) Imagens de santos e velas acesas no fundo da furna principal de Sombrio, lateral esquerda.

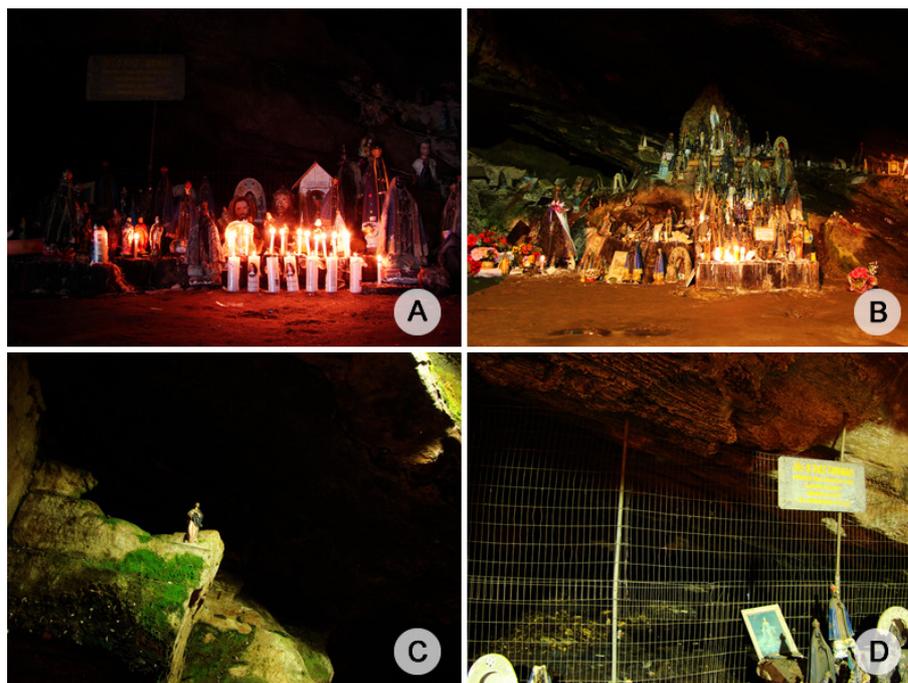


Fig. A5 – (A) Altar secundário com velas comuns e de sete dias acesas na furna principal de Sombrio; (B) Altar principal no fundo da furna maior de Sombrio; (C) Imagem de santa no alto da lateral esquerda na furna principal de Sombrio; (D) Entrada restrita do salão secundário na furna principal de Sombrio.



Fig. A6 – (A) Entrada da furna localizada atrás da lanchonete do Auto Posto Furnas; (B) Interior da terceira furna a partir da furna principal de Sombrio; (C) Interior da quarta furna a partir da furna principal de Sombrio com o lago na parte inferior da imagem uma vela de sete dias acesa ao fundo; (D) Vista panorâmica a partir do topo do Morro das Furnas, com a Lagoa do Sombrio ao fundo e BR 101 na parte inferior da imagem.